This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

NYPL RESEARCH LIBRARIES
3 3433 07437855 9

NQG
Collecci

v.2
NQG
College

COLLECÇÃO

DE

POESIAS INEDITAS

DOS

MELHORES AUTHORES PORTUGUEZES.

TOMO II.

LISBOA 1810.

NA NOVA OFFIC. DE JOÃO RODRIGUES NEVES.

Com Licença da Meza do Dezembargo do Paço.

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY
321228B
ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
B 1945 L

SAUDAÇÃO
Á
ARCADIA.

I.

EM fim eu vos saúdo,
O' campos deleitosos,
Vós, que á nascente Arcadia em grato estudo
Brotando estais os *loiros* mais frondosos
Eu vos vou descubrindo
Bellas estancias do Pastor Termindo.

II.

Já sinto que respira
Huma aura em vós suave
Orfeo pulsa de novo a doce lira
Ouve Thebas de novo o plectro grave
Seu número he mais terno,
Que o que muros ergueu, parou o Averno.

III.

Qe pastores tão novos
São estes, que vos pizão,
Como entre tristes, e grosseiros póvos,
De nova gala os campos se matizão;
Quem fórma estas cadencias?
Quem produz tão mimosas influencias?

IV.

Se os olhos me não mentem,
Os venturosos nomes
Gravados nestes troncos já se sentem,
Tu tempo gastador, os não consomes
Driario aqui diz este
Nimfeo diz outro, aqui diz outro Eureste.

V.

Na mais copada faia
Abrio o ferreo gume
O nome de Termindo, o Sol que raia,
Aqui bate primeiro o claro lume,
Elle o vê, elle inveja
Eterno o nome, eterno o tronco seja.

VI.

Ah se da gloria vossa
Pastores cá me vira
Tão digno, que na bella Arcadia nossa
Igualmente meu nome se insculpira.
Entre a série preclara
De Glauceste a memoria se guardára.

VII.

Mas onde irá sem pejo
Collocar-se atrevido,
Quem longe habita do sereno Téjo,
Quem vive do Mondego dividido,
E as auras não serenas
Do patrio Ribeirão respira apenas?

VIII.

Sim, vosso cáro abrigo,
Pastores, póde tanto,
Que despertando do silencio antigo,
Erguer bem posso sem vergonha o canto:
Com vosco está Glauceste
Com vosco faz soar a flauta agreste.

SONETO.

NÃo he mais rara, que hum sincero amigo
Essa ave estranha, que na Arabia vôa
Falla-se della, mas não ha pessoa,
Que a visse neste ou no tempo antigo.

Em quanto do Ceo tens risonho abrigo
Este e aquelle de amigo o nome entôa;
Mas hum depois não ha, que se condôa
Se chegas a cahir n'algum perigo.

Finalmente verás que de milhares
De exemplos similhantes se reveste
A estavel terra os movediços mares.

— Por fabula terei Pilade, e Oreste;
E tu que amigo verdadeiro achares,
Dize que a Fenis encontrar soubeste.

SONETO.

SE alguem duvida, que a belleza influa
Por virtude, a que chamão simpathia,
Veja, em minha mortal melancolia,
Quanto póde comigo Delia crua.

Delia mais vária que a triforme lua,
Porém mais bella do que a luz do dia;
A quem inda depois de cinza fria
Seguirá de minha alma a sombra nua.

Mas em vão seguirá, que a dôr não cabe
Supposto que dos rogos se incommode,
Em quem talvez do seu rigor se gabe.

Fujamos, pois que o Ceo benigno acode,
Não de amor, que fugir-lhe ninguem sabe,
Mas de Delia com quem Amor não póde

SONETO.

O Xalá, que constasse á gente toda
Teu falso proceder, vária fortuna,
Qual te vio sobre solida columna
Da Grega estirpe, da Roman, da Goda!

Já n'hum pobre tugurio se accommoda
Quem pendeo de magnifica tribuna;
Gemendo vai debaixo da importuna
Miseria o mesmo, que se alçou na roda.

Quando o tempo virá, que esta mudança,
Que fazes, ninguem tema, pois devia
Desterrar a rasão tão vil usança.

Triste daquelle, qu'inda em ti confia,
Depois de gasta toda a vida em esperança,
Não dura o teu favor mais do que hum dia.

SONETO.

NAs profundas entranhas de hum rochedo,
Huma gruta formou a Natureza
De tão triste tão funebre aspereza,
Que ao monstro mais feroz causára medo.

Alli passava Alfeno o seu degredo,
Monstro de Amor, imagem da firmeza
Sem ter mais sociedade, que a tristeza,
Nem outro emprego mais que o seu enredo.

Se da passada lida o adormecia,
No tumulto dos ais o despertava
O continuo rumor da fantasia.

A rocha sempre em lagrimas banhava,
E quanto nella o pranto desfazia,
Tanto nella a firmeza fabricava.

SONETO.

O Semblante risonho, e engraçado
Me voltou a suavissima alegria,
Nas crueis mãos da horrida agonia
O afflicto coração sinto apertado.

A medonha tristeza vejo ao lado
Fazer-me acerba, e horrivel companhia,
E até sinto vagar na fantasia
A triste imagem do meu doce estado.

Com seu pesado braço a desventura,
Descarregando em mim golpes violentos,
Me vai levando á fria sepultura.

Que tristes, que horrorosos pensamentos!
Eu vejo a morte envolta em nevoa escura,
Mas não chega a pôr fim aos meus tormentos.

MADRIGAL.

MAriposa inconstante
Que namoras a rosa, a violeta,
E com vontade inquieta
A toda a flor te offereces fino amante,
Vai, leva essa meiguice
Longe destas campinas lealdosas,
Que póde vir Almeno; e se te visse
Render tantas offrendas enganosas,
Te imitaria a errática ternura,
Desleal a Delmira, á fé mais pura.

Francisco Manoel do Nascimento.

EPICEDIO

A huma Senhora moribunda.

JUstos Ceos, que funebres imagens,
Me cercão horrorosas!
Huma palida mão ensanguentada
Me rasga o triste peito,
Que vejo! Pois me sinto encher de susto,
E de pavor banhar-me.
Tremer-me o corpo todo, em accidente
Voltar-se o alegre rosto;
Porém de que me admiro a triste imagem
Me representa a idéa
Da minha Lidia bella, a Lidia amada,
Causa dos meus suspiros;
Quem trocou teu semblante, que era throno
Da mesma formosura,
Em tão medonha fórma, e te arrancou
Do corpo a doce vida
Ah! Lembranças crueis affugentai vos
Da minha fantasia
Eu julgo agora mesmo estar propinquo
Da minha cára Lidia
Como estive, ai de mim! Ao mesmo tempo
Que a Parca inexoravel;

Com fria mão, do corpo lhe arrancava
A alma preciosa.
Eu afflicto então vi aquelles olhos,
Que a tantos morte dérão,
Tornar-se de formosos e brilhantes,
Frôxos e denegridos.
Eu vi os seus beiços rubicundos,
Das delicadas rosas
O mais proprio retrato, transformar-se
Na côr triste e magoada
Das rôxas violetas. Eu as vozes
Ouvi intercadentes
Eu vi, eu vi os braços delicados,
Com movimento languido,
Estar lançando a huma, e outra parte
E ora c'o direito
Amparar o semblante descorado;
Ora c'o esquerdo
Da descomposta cama estar pendente
Afflicta e inquieta,
Mil voltas dando já c'o fraco corpo,
Na ultima agonia.
Eu senti, eu senti arrefecer-lhe
E os ultimos arrancos . . .
Mas ai! Piedosos Ceos, ai! Que eu não posso
Narrar o parocismo.

SONETO.

Alberto lavrador que semeava
Sua terra no tempo que devia,
Quando em fim o seu trigo recolhia,
Feitos os gastos nada lhe ficava.

Lidoro, seu visinho, que passava
Sem semear hum dia, e outro dia,
Tão felizmente o anno lhe corria,
Que d'hum para o outro o trigo lhe chegava.

Alberto lhe observou a subtileza,
Semeou como Lidoro, mas coitado
Nem assim lhe ficou livre a despeza.

Desenganou-se, foi vender o gado;
Porque he loucura procurar riqueza
Quem nasceo para pobre, e desgraçado.

SONETO.

Que escura sombra os olhos te entristece,
Do affadigado peito remettida?
Verte-a, meu bem, nesta alma á tua unida;
Mingúa a dôr, se em dois peitos se padece.

Quando a turvada chêa em forças cresce,
Do ameaçador estrago entumecida,
Se o lavrador a corta, repartida
Os ameaços quebra, e desfalece.

Não mais, me tenhas a alma suffocada;
Que he mór a dôr, qual tão suspeito agora,
Do que ha de ser em mim depositada.

Não cresças o pesar a quem te adora.
Assaz lhe dóe, ó Marcia, a séta hervada,
Que o ciume arrôjou com mão traidora,

Francisco Manoel do Nascimento.

O D E.

Em hama doença do Author.

DE agudos tormentos rodeado,
Os frôxos olhos levantar mal posso,
O debil peito, com trabalho, exhala
Amargosos suspiros.
A cruél dextra do meu destino aváro
Promette aos Deoses estalar soberba,
Entre a roda fugaz do tempo aváro,
O meu ultimo dia.
Ah! Marilia gentil, que vão murchando
Os viçosos prazeres de algum dia,
Os doces risos, os agrados meigos
Já pálidos desmaião.
Vejo cahir das mãos do desengano
Engelhadas as verdes esperanças,
Em que os nossos desejos pasteavão
A devorante fome.
Eu vejo a morte, sobre hum negro carro,
Que arrojão seis mirrados esqueletos,
Erguendo o braço meneando a foice,
Para mim se encaminha.

Ah! cáro Seixas, corre o páno á scena,
Levanta a personagem desvalída,
Quebra os votos á sorte, e Atropos dura
Ache inuteis seus passos.
De mim arranca envelhecidos males,
Purifica este sangue, que empestárão
As bebidas, que Venus nos offerece
Por suas taças d'oiro.
Se os Filosofos rirem do meu susto,
Eu rirei dos Filosofos, que ostentão
Largar na urna do destino avâro
O mesmo que mais amão.

QUADRA.

Que importa mudar de terra,
E baldados passos dar,
Se a toda a parte onde os volto
Vai comigo o meu penar.

GLOSA.

I.

N Estes funebres lugares,
Só de leões berço duro,
Ainda em silencio escuro
Gemem nocturnos pesares:
Foragído aos pátrios láres
Rude campa Alcino encerra,
Por estranhos climas erra,
Nelles achou sepultura;
Sem se mudar de ventura
Que importa mudar de terra.

II.

Com irado aspecto o vio
Alecto quando nascia
Não teve hum alegre dia
Nunca a sorte se lhe rio
Supplicou, soffreo, servio
E seus prémios vio roubar
Jaz neste escuro lugar
Depois de tanto soffrer,
De inutil pranto verter,
E baldados passos dar.

III.

Ah! que dos olhos de Alcino,
O lume que hia espirando
Foi para os meus repassando
Agoiro do seu destino;
Desde este influxo maligno,
A luz, que dos olhos sólto
Leva tal desastre envolto,
Que até chega a infestar
Não sei se este só lugar,
Se a toda a parte onde os vólto.

IV.

Em serena paz descança
Já hoje o ditoso Alcino
Sem temer vário destino,
Nem duvidosa esperança;
Só eu infeliz mudança
No meu mal não posso achar,
Se vou pára hum lugar,
Geme a saudade comigo,
Se procuro em outro abrigo,
Vai comigo o meu penar. —

IDILIO
NATALICIO.

HOje quando a madrugada
O véo das nuvens rompia,
Cupido as azas batendo
Os puros ares fendia.

II.

Vinha o Nume commandando
Aláda tropa de amores,
Que espalhava pelos ares
Espessas nuvens de flores.

III.

Venus a tropa seguia,
Sobre a concha prateada,
Cheia de flores mimosas
Por alvas pombas tirada.

IV.

Trazia comsigo as graças,
Festões de flores formando,
Com as quaes jasmins, e myrtos
Hião sempre misturando.

V.

A's fulvas margens do Téjo
Pouza Amor, e Venus bella,
Onde elle postando a tropa,
Foi tomar as ordens della.

VI.

Venus então apertando
O cáro filho entre os braços,
Sahe com as Graças da concha,
E segue de Amor os passos.

VII.

Alinhada a tropa toda,
Carrega-se a artilheria;
Soão vivas, e descargas
Em applauso deste dia.

VIII.

Depois disto a voz soltando
Amor com doce transporte,
Beija o estandarte, a arca
Falla o Nume desta sorte.

IX.

„ Este dia he consagrado
„ Da formosa Aonia aos annos,
„ Memoravel fique sendo
„ Para sempre aos Lusitanos.

X.

Eis soão novas descargas
Acaba Amor de fallar,
E segunda vez mil vivas
Sobem alegres ao ar.

XI.

Pede então Venus ao filho,
Que descance o batalhão;
E á voz de Amor os Amores
Largão as armas da mão.

XII.

Pelas praias salitrosas
Entrão todos a correr,
Nos saltos alternativos
Dando signaes de prazer,

XIII.

Huns, com doirados farpões,
Escrevem na loira arêa
O nome de Aonia bella,
Que he de mil encantos chêa.

XIV.

Outros do *Téjo* se lanção
A's mansas aguas serenas,
Já mergulhão, já sacodem
Das brancas azas as pennas.

XV.

Sentados na fulva praia,
Muitos destes Cupidinhos
Aos que mergulhão nas aguas
Atirão lizos seixinhos.

XVI.

Em quanto a tropa de Amor
Na praia lêda brincava,
Venus das Graças cercada
A seu filho assim fallava:

XVII.

„ Tu, filho meu, que a teu jugo
„ Tens povos mil sujeitado,
„ Sem te escapar aureo sceptro
„ Nem tosco duro cajado;

XVIII.

„ Nunca jámais neste dia
„ Te mostres contra os humanos,
„ Neste dia só te ordeno,
„ Que louves de Aonia os annos.

XIX.

Assim fallou Venus bella;
E para a concha subindo,
Com as Graças velozmente
Vai os ares dividindo.

XX.

Ao sinal do Commandante
Soão festivos tambores,
E de improviso se alinha
O batalhão dos Amores.

XXI.

Nisto as azas desprendendo
Cruza a tropa os densos ares,
E de Amathunta no templo
Foi, Aonia, erguer-te altares.

XXII.

Ah! Praza aos Ceos, que mil vezes
A teus pés calcando o vicio,
Da Ventura ao lado, contes
O teu dia Natalicio.

XXIII.

Praza aos Ceos, que sempre bella,
Sempre da Sorte querida,
Gozes cheia de prazer
Os recreios desta vida.

O D E.

A Dore embora o chapeado cofre
O sórdido avarento:
Nos campos de Mavorte se esclareça
O affrontoso guerreiro:
O azul tridente de Neptuno affronte
O Nauta destemido:
Que eu só anhélo, Marcia, nos teus braços
Gozar suave nectar.

SONETO.

TU não ouviste, Amor, na despedida,
Como Delmira ser fiel me jura?
Que protestos! Que fé constante, e pura
Me não promette aquella fementida!

Tu viste os prantos, viste a côr perdida;
Soluçar, desmaiar de ancia, e ternura;
Segurar, que ainda além da sepultura
Leal me guardaria a fé devida.

„ Do Ceo, dizia, o lume fulminante,
„ A vida, a indigna vida, sem piedade
„ Me consuma, se falto a ser constante. „

Ah! Pasma, Amor, da torpe deslealdade!
Vem. Vê Delmira em braços d'outro Amante,
Vem. Apprende esta nova falsidade!

Francisco Manoel do Nascimento.

QUADRA.

Eu vendo o meu coração
Bem barato na verdade,
E não ha quem lance nelle
Hum real de lealdade.

GLOSA.

I.

JA' cançado de soffrer
Desprezos, e tyrannias,
Com que Amor todos os dias
Me trata por me offender;
Amante não quero ser
Por fugir á ingratidão,
E para que tentação
Não tenha outra vez de amar,
A quem mo quizer comprar
Eu vendo o meu coração.

II.

Vendo-o, mas não por dinheiro,
Por lealdade he que o vendo;
Negocio este, que entendo
Não prejudica a terceiro:
He coração verdadeiro,
Cheio de fidelidade;
Mas pela infelicidade
Grande com que sempre amou,
A quem mo comprar o dou
Bem barato na verdade.

III.

Quero ficar descançado
Izento de querer bem,
Livre de aturar a quem
Sempre me trouxe enganado;
Porém sou tão desgraçado,
Que por mais que ande com elle,
Sabendo deste, e daquelle,
Se o querem comprar então
Todos me dizem que não,
E não ha quem lance nelle.

IV.

Esta a misera figura,
A que vejo reduzido
Hum coração, que tem sido
Vivo exemplo da fé pura:
He tal sua desventura,
E minha adversidade,
Que em tanta necessidade
Comprador não acho, que
Ao menos por elle dê
Hum real de lealdade.

QUADRA.

Meu amor será eterno,
Minha fé não terá fim,
Se he preciso juramento
Desde já digo que sim.

GLOSA.

I

TEndo Filinto immolado
Aos Deoses da Estigie féa,
Lá c'o a Sibilla Cumêa
Desceo de loiro coroado;
„ Numes, diz, do Orco enlutado,
„ Que o juramento superno
„ Sustentais no lago Averno
„ Venho ante vós protestar,
„ Que tendo a alma eterno amar,
„ Meu amor será eterno.

II.

„ Da gentileza mimosa
„ Não dou só culto aos altares,
„ Amo as graças singulares
„ D'huma alma inda mais formosa:
„ A fé, de amor duvidosa
„ Firmar nestas aguas vim,
„ Vibre embora contra mim
„ A morte a foice fatal,
„ Como eu amo o immortal,
„ Minha fé não terá fim.

III.

Pela Estigie paludosa
O voto soou de Orfeo,
A Esposa se entristeceo,
Suspirou Dido invejosa:
A Sibilla cautelosa,
Como o Lethes somnolento
Causar usa esquecimento;
Lembra a Eihnto o jurar,
Porque podia ignorar
Se he preciso juramento.

IV.

Chegou ao lago onde estão
As fórmas das mortas rezes,
Marilia chamou tres vezes,
E metteo ousada a mão
„ Para que não seja em vão,
„ O voto que fazer vim,
„ Nem c'o a morte tenha fim,
„ Por este lago sagrado
„ Juro que será guardado,
„ Desde já digo que sim.

QUADRA.

Teu nome escrevi na arêa,
Que banha o visinho mar,
Eu vi as ondas pulando
Virem teu nome beijar.

GLOSA.

I.

Deixaste a praia arenosa,
Laura, a vida aos mares dando,
E eu te fui acompanhando
Com vista longa, e saudosa;
Quiz chamar teu nome, e anciosa
Voz com os suspiros se enleia,
Corta as letras, titubêa,
E não podendo dizê-lo,
Por me consolar em lêlo
Teu nome escrevi na arêa.

II.

As letras se levantavão,
E as Graças as defendião
Das lagrimas que chovião,
Dos suspiros, que sopravão;
Os Amores as guardavão,
Mal que o Ceo vião toldar,
E eu vi teu nome ficar
Como em bronze indissoluvel,
Na mesma arêa voluvel,
Que banha o visinho mar.

III.

Venus, que do mar brotou,
E alli vê teu nome erguido,
De inveja o peito incendido
A Eólo se prantèou;
Logo o Deos desencerrou
Os ventos, que vão bramando
C'o as cheias boccas soprando,
Vão mil furacões na praia,
E qual mais ao longe saia
Eu vi as ondas pulando.

IV.

Amor, que honra o nome teu,
E até aos Numes dá pena,
A Neptuno, e a Eólo ordena,
Que o respeitem, mais que o seu;
Neptuno logo estendeo
O tridente sobre o mar,
Fez Eólo afferrolhar
Os ventos tempestuosos;
Eu vi ambos respeitosos
Virem teu nome beijar.

QUADRA.

Hum coração só não póde
Soffrer tantas semrasões,
Ou me dá menos pezares,
Ou me dá mais corações.

GLOSA.

I.

LÁ da urna, que sustenta
A lethifera cohorte,
Dos males tirou a sorte
A dôr, que a alma me atormenta:
Rogo a Amor, que a magoa augmenta,
Que a hum fragil peito accomode,
Ah que morro, ah não me acode,
Não me valem ais, nem pranto;
Morrerei, que soffrer tanto
Hum coração só não póde.

II.

Irei a agua denegrida
Rasgando em limosa barca,
Saber porque a injusta Parca
Fiou tão infausta vida:
Das furias na espavorida
Face, que atterra os leões,
Indagarei as rasões
Da lei iniqua, e cruel;
Porque ha de huma alma fiel
Soffrer tantas semrasões.

III.

Do Averno arbitro supremo
Eu sou o infeliz Dorindo,
Este infausto nome ouvindo
Acheronte, larga o remo;
Soffro innocente, e não temo
Quantas penas decretares;
Mas se ha nos teus impios lares
Justiça, ou me dá valor
Para soffrer tanta dôr,
Ou me dá menos pezares.

IV.

Ao som do magoado grito
Mil sombras vans me acenarão,
E as aguas mais se turbárão
Do empestado Cocito:
„ Nume, instei, se o meu delicto
„ Vem de innocentes paixões,
„ Com sobejas afflicções
„ O espiai, e se he pouca a pena,
„ Ou a morrer me condemna,
„ Ou me dá mais corações.

QUADRA.

O meu coração de zelos
Sinto já desfalecer,
Vão-se acabando os meus dias
Ninguem me póde valer.

GLOSA.

I.

SErvi com puro querer
Ninfa, que me foi roubada,
Reciproca fé jurada
Violou barbaro poder;
Sustentava a vida em ver,
Bem que ao longe, huns olhos bellos,
Mal que me negarão vê-los
Vou-me sentindo acabar,
E mudamente estalar
O meu coração de zelos.

II.

Os olhos se vão sumindo,
As faces amarelescem,
Os inertes queixos descem,
Vão-se os beiços denegrindo,
Fria lagrima cahindo
Sinto o rosto humedecer;
Busco a luz não a posso ver,
Quero andar não rejo os passos,
Gélão-se as mãos, e os braços
Sinto já desfalecer.

III.

Já a fatal, e annosa Parca
Abre a tizoira estridente,
E hum curto fio sómente
Entre longas têas marca;
Acheronte chega a barca
Para áquem das margens frias,
Vejo famintas arpias,
Que de longe o ar infestão;
Poucos momentos me restão
Vão-se acabando os meus dias.

IV.

Caso tão desventurado
Já desde o espaço infinito,
Foi pelo destino escrito
No escuro livro bronzeado;
Nem o imperio a Jove dado,
Póde o destino volver,
Nem ferreo braço soster,
Vai-te, esperança, eu bem sei,
Que depois de escrita a lei
Ninguem me póde valer.

QUADRA.

A causa porque eu suspiro
Não a posso declarar,
Os segredos de meu peito
São motivos de eu penar.

GLOSA.

I.

SEu thesoiro Amor abrio,
E huma Ninfa appareceo,
Que esta alma isenta rendeo,
E a todo o mundo que a vio;
Porém Amor mal que ouvio
O meu primeiro suspiro,
No sacro, e escuro retiro
De hum Nume me fez entrar,
Onde eu jurasse occultar
A causa porque eu suspiro.

II.

Era o Silencio este Nume
De triste, e pesado rosto,
Como quem calla hum desgosto,
Que as entranhas lhe consume:
Hum só ai, hum só queixume
Jámais se me ouvio formar;
Luz escaça, escuro altar,
Qual seja a tristeza, o medo,
Que infunde o Deos do segredo
Não a posso declarar.

III.

Fui ao Nume apresentado,
Elle a jurar me acenava,
Que a bocca lhe afferrolhava
Diamantino cadeado:
Foi-me o juramento dado
Nas mãos do austero Respeito,
Sacerdote ao Nume acceito,
Sem que os votos proferisse,
Só porque ninguem me ouvisse
Os segredos de meu peito.

IV.

Desde então se foi nutrindo
Callada chama nas veias,
Crêem-me livre de cadeias,
Choro, e pareço estar rindo:
Vêr da Ninfa o gesto lindo
O prémio he do meu amar;
Mas não lhe poder narrar
A paixão que o peito calla,
Nem poder deixar de amá-la
São motivos de eu penar.

QUADRA.

Verás os raios de Amor
Sobre a ingrata fusilar,
Hade a chama consumi-la
Mesmo Amor se ha de vingar.

GLOSA.

I.

Queixei-me a Amor de Lidora,
Chorando anté o seu Altar,
Meu pranto incendeo o ar;
E esta voz soou cá fóra:
„ Verás punida a traidora,
„ Soffrendo o mal pago ardor,
„ E por lhe dobrar a dôr
„ Na cabeça, pés, e lados
„ Estalar affogueados
„ Verás os raios de Amor.

II.

Eis mil sétas abrasadas,
Os amores despedião,
Que horrisono som fazião
Humas por outras crusadas;
Vi as nuvens prateadas,
Em basso chumbo trocar,
Ao longe ouvi trovejar,
E vi n'huns breves instantes
Mil coriscos crepitantes
Sobre a ingrata fusilar.

III.

Basta, Amor, disse eu, piedade,
Não ha culpa entre os humanos
Em que os Deoses soberanos
Vinguem toda a potestade:
Saturno c'o as cans da idade
Bastará para affligi-la;
Mas Amor, que iras scintila
Enfurecido tornou,
„ Como a chama profanou
„ Ha de a chama consumi-la.

IV.

„ Vivirá em pranto, e ais
„ Té que as continuas, e ardentes
„ Lagrimas deixem patentes
„ No rosto os fundos sinaes;
„ Em penas, e ancias mortaes
„ Ver-lhe-has a vida acabar:
„ A honra do meu altar
„ Não soffre outro vingador,
„ A offensa foi feita a Amor
„ Mesmo Amor se ha de vingar.

QUADRA.

Dormindo estive sonhando
Que me morrias, meu Bem,
Acordei pedindo a Amor,
Que me matasse tambem.

GLOSA.

I.

JA' da noite a divindade
O sceptro de chumbo alçava,
E os viventes sepultava
Em silencio, e escuridade:
Eu, que em amarga saudade
Passava o dia chorando,
Adormecia, mas quando
Repouso buscava á dôr,
Com desastre ainda maior
Dormindo estive sonhando.

II.

Sonhei, Marilia, que horror!
Ver-te pálida espirando,
De hum lado as Graças chorando,
D'outro soluçando Amor:
Seguida de ais, e temor
A escarnada morte vem,
Já erguida a foice tem,
Estalar a alma sentia,
Quando sem remedio via
Que me morrias, meu Bem.

III.

Resoava o ferro abrindo
Na dura terra o lugar,
Que te devia occultar
Para sempre ao teu Dorindo:
Eu te via ir conduzindo
Seguida de ais, e temor,
Perdi de todo o valor,
Chamo-te, louco te sigo,
Que me sepultem comtigo
Acordei pedindo a Amor.

IV.

Amor, que de longe ouvia,
E com meus ais se pagava,
Já o pranto me enxugava,
Já c'o as azas me cobria:
Eu afflicto lhe pedia,
Que me tornasse o meu Bem,
E se elle vida não tem,
Que a mesma morte mandasse,
Que a minha fé coroasse,
Que me matasse tambem.

SONETO.

Por Marcia o Deos de Amor, d'amor mor-
(rendo,
N'hum quadro sua imagem debuxava,
E ao mais leve bosquejo, que lançava
Suavissimo canto hia tecendo.

De minha mãi as faces estou vendo,
Dizia, quando as faces lhe pintava,
Este explendor no Sol invejas crava,
Dizia, os lindos olhos descrevendo:

Eis as delicias do macio tacto,
Pintando o peito diz, e ao alto pula
Battendo a miudo as mãos, como insensato.

Torna a pintar quando huma voz ulula
= He ingrato esse peito = ao som de ingrato
Treme o quadro, a mão pasma, a voz tremula.

SONETO.

MArcia! Marcia! Meu Bem, que grossa (enchente
De prazeres pela alma se me espalha!
Oh! Como ao verte, foge, e se trasmalha
Dos pezares o turvo bando ingeate!

Não sou em mim. A alvoroçada mente
Soltar-se emprende, e a ti voar trabalha.
Acode Amor, no coração entalha
Vindouros gostos c'o farpa ardente.

Hei de ser mais feliz. Sôpro divino
A idéa arrebatada me bafeja,
Já ouço a voz do oraculo benigno:

„ Terás Marcia, a pesar do Ciume e Inveja;
„ Gozarás de seu peito allabastrino
„ Tens deos Amor no Ceo que te proteja.

Francisco Manoel do Nascimento.

O D E.

I.

DE seguir no alto monte
Fatigado as bravas féras
Huma fonte,
Que toldavão verdes heras,
E bordava o fresco prado
De junquilhos,
De violas, de tomilhos,
A buscar baixo apressado,
Por matar a sede ardente,
Em a frigida corrente.

II.

Quando Amor que repousava
De Nigéla no regaço,
Despertava
C'o rumor, que ao passar faço;
Ergue o rosto, e ao ver que eu era
Quem buscando
Da fontinha o cristal brando
Sua doce paz lhe altéra;
Toma o arco, que deitado
Entre a relva tinha ao lado.

III.

Huma séta, cuja ponta
Era d'oiro o mais brilhante,
Nelle aponta
Vôa o raio penetrante,
E veloz me passa o peito.
O Tyranno
A ferida vendo ufano,
Com hum riso contrafeito,
Olha, diz, Pastor grosseiro,
Se he Amor destro frecheiro.

IV.

E voltando-se a Nigélla
Desta sorte continúa:
Ninfa bella,
A conquista será tua,
A' tua ira, aos teus rigores
Novo emprego
Neste louco hoje te entrego;
Morra em vão por ti de amores,
Soffra, e cale o seu aggravo;
Pois to entrego para escravo.

V.

Ai de mim, a deshumana
Tomou bem esta doutrina!
Pois tyranna
O meu mal, minha ruina
Só deseja, só pertende
Impropérios,
Crueldades, vitupérios,
O servi-la só me rende,
E de tão injusta sorte
Só livrar me póde a morte.

Antonio Diniz da Cruz e Silva.

O D E.

I.

TUrva a chuva as claras fontes,
Que risonhas murmuravão,
E os ribeiros
Escumando cahem dos montes
As campinas alagando,
Que pouco antes lisongeiros
De mil flores esmaltavão
Frescos zefiros voando.

II.

Brama o Noto, e enfurecido
Grossas nuvens revolvendo
Em seu seio
Nos esconde o Sol luzido
Com estranha ligeireza
Rompe a noite, e o manto feio
Sobre os campos estendendo,
Cobre os peitos de tristeza.

III.

Bella Eralia, em quanto irado
Brame o Polo, o Ceo troveja,
Nictileu
E de Chipre o Deos vendado
Seus prazeres derramando
No teu peito, e peito meu,
Da sua ira nos proteja,
Torne o tempo alegre, e brando.

IV.

Entre as taças, que derramão
Hum suave, e vivo fogo
Os Amores
Ardem mais, e mais se inflammão,
Ao enxame dos desejos,
Dos desejos brincadores,
Livre o campo deixão logo
Brandas iras, falsos pejos.

V.

Eia pois não te demores,
Vem Eralia entre meus braços,
Nelles corôa
O prazer nossos amores,
Reine o gosto, e a alegria,
Pois ou vente, ou chova, ou troe,
Entre tão suaves laços
He rosado sempre o dia.

O mesmo.

ODE.

I.

JA' no Oriente
D'alva a estrella
Risonha, e bella
De alegres luzes
Coroada a frente
Na aurea carroça,
Vem desfazendo
A sombra grossa,
Que a ſêa noite
Triſte espalhou.

II.

Do alvo regaço
Entre os esplendores
Fragantes flores
Lariça em chuveiros
O eburneo braço,
E os passarinhos
Com doces cantos
Pellos raminhos,
Estão saudando
Seu resplandor.

III.

Neste almo dia
Aglaia bella,
Que avara estrella
Desta ribeira
Ha tanto havia
Cruél roubado,
C'os olhos bellos
O verde prado
Floridos montes
Torna a alegrar.

IV.

Colhei amores
Mirtos, e rosas,
Colhei formosas
Ninfas do Téjo
Conchas, e flores,
Ricas capellas
Ledas tecendo
Vinde com ellas,
As tranças d'oiro
Vinde ennastrar.

V.

Eu, que vos chamo.
Serei o guia;
Assim dizia
Amor voando
De ramo, em ramo;
Então ao prado
Veloz descendo,
Hum delicado
De lindas flores
Ramo teceu.

VI.

E a mim voltando,
Me diz: Elpino,
Feliz destino
He hoje o teu,
Parte voando,
A' Ninfa bella
Leva este ramo,
Dize, que a ella
Por ti lho envia
O mesmo Amor.

ODE.

I.

Pois que o raivoso
Celeste cão
Como hum leão
Por fauces, olhos,
Chamas vibrando
Vem abrasando
A terra, e Ceo.

II.

Vem a meus braços,
Licóris bella,
E a féra estrella
Deixa que ladre,
Em raiva acceza;
Pois que a defeza
Já prompta está.

III.

Essa nevada
Gran sorveteira
Abre ligeira,
Abre contente,
Que dentro nella,
Ó Ninfa bella,
Tu acharás:

IV.

Das rôxas ginjas
A doce calda
Do Sol que escalda,
Ella defende;
A fria neve,
Que a cerca em roda,
A congelou.

V.

Esta bebida
Suave, e pura,
Que na doçura
Excede o nectar,
Que da amethista
Offerece á vista
A grata côr.

VI.

Só domar póde
Os seus furores,
Bebe licores,
Bebe, e com ella
Gostosa esfria
Do ardente dia
O vivo ardor.

O mesmo.

O D E.

I.

VEs, Lizio amado,
Como branqueja
C'o a neve o prado,
Vês como alveja
Do calvo monte
A crespa fronte?

II.

Como soprando
O Noto frio
Vai congelando
O claro rio,
E na floresta
As plantas cresta?

III.

Em vão forrado
De mantas finas,
Seu bafo irado
Vencer destinas,
Que o sopro agudo
Penetra tudo.

IV.

De Baccho ardente
A Ignea lança,
O Inverno algente
He quem amansa,
Quem lhe faz guerra,
E quem o atterra.

V.

Tristes cuidados
Da vida algozes,
Aos denodados
Ventos ferozes
Meu Lizio entrega,
E aqui te chega.

VI.

Abranda a chama,
Que em sêcos troncos
Arde, e se inflamma;
Do Noto os roncos
Escutaremos,
E beberemos.

VII.

Vinhos, e cidra
Promptos estão,
Do Inverno a hydra
Estroncaráõ
Quais tu quizeres,
Quais escolheres.

VIII.

Voão os annos,
Que o tempo leve
Cobre de damnos,
A vida breve,
Que por fim séga
A morte céga.

IX.

Passa o prudente,
Que a razão préza,
Vida contente;
Pois com tristeza
Atormentada
He encurtada.

X.

Ou da riqueza
No molle seio,
Ou da pobreza
No gremio feio,
E da desgraça,
Ella em fim passa.

XI.

E igual a Parca
De hum pobre a vida,
E a de hum Monarcha
Corta insoffrida,
E ao Rei, e ao pobre
A terra cobre.

O mesmo.

O D E.

I.

AMor que ouvir desejava
Das Musas a melodia,
Ao Pindo subir queria;
Mas de subir receava,
Pois ao vê-las tão esquivas,
As temia vingativas.

II.

Longo tempo vacillou
Entre o desejo, e o receio;
Em fim de seu valor cheio
Occulto ao mundo voou;
Mas rapaz travesso, e esperto
Como estaria encuberto!

III.

Qual relampago brilhou
Por entre a ramma virente
De seu facho a luz ardente,
E o mundo todo assustou,
As Musas se alborotárão,
E para o punir se armárão.

IV.

Toda a floresta intrincada
Com subtil rede cingirão,
E ardilosas a cubrirão
Com a rama levantada:
Amor, que não tem cautela,
De improviso cahio nella.

V.

A' rede as Musas correrão,
E as tenras mães delicadas,
De nievos jasmins formadas
Com cadêas lhe prendêrão,
Rente as azas lhe cortárão,
Arco, e sétas lhe quebrárão.

VI.

Depois de assim espancado,
Sem ouvir suas rasões,
O deixão com mil baldões,
D'hum rosal ao tronco atado;
Suspirar, bradar ao Ceo,
De nada a Amor valeo.

VII.

As liras então velozes
Tomão cheias de alegria,
A cantar sua victoria
Se dispõem em altas vozes;
Mas em vão, que a seus acentos
Não convém os instrumentos.

VIII.

Huma, e outra vez concertão
As liras de oiro esmaltadas;
Mas c'o as notas levantadas,
Por esta vez não acertão
Com as notas de que usavão,
Quando só heróes cantavão.

IX.

Em vez dos sons magestosos,
Que de gloria o peito inflammão,
Huma, e outra vez derramão
Huns accentos maviosos,
Que provocão a ternura
Do monte a penha mais dura.

X.

Hum brando ardor de repente
Se espalhou pela montanha,
Hum fervor, huma ancia estranha
Em toda a parte se sente,
Hum confuso pensamento,
Que he prazer, e que he tormento;

XI.

De tão raras maravilhas
Atonitas, admiradas,
Por algum tempo assustadas
Ficão da Memoria as filhas,
A quem até alli notoria
Só fôra a paixão da gloria.

XII.

Mas, que Amor era o motivo
Destes prodigios no Pindo,
Pouco depois reflectindo
Soltar vão o moço esquivo;
Do monte mandão que desça,
Que alli mais não appareça.

XIII.

Mas Amor, que nesta empreza
Perdera ditosamente,
Com as pennas juntamente
A inconstancia, e a leveza,
E prezo das Musas bellas
Só feliz se crê com ellas.

XIV.

Lança-se aos seus pés ligeiro,
E com rogos, e ternura
Lhe pede, protesta, e jura
Ser seu fiel companheiro
De as seguir sempre contente
A sua voz obediente.

XV.

Daqui vem, que em toda a parte
Amor com as Musas se mira,
Que elle em seus cantos inspira
Novas graças, e nova arte,
Que em vão quer sua harmonia
Sem amor a hypocrisia.

O mesmo.

SONHO.

O vós Zefiros brandos, que voando
A' vista do Mondego, que alli corre
Por entre as verdes flores desta faia
Brincaes alegremente,
Em quanto do trabalho fatigada
Repousa em doce somno a gente humana
Eu só desperto neste fresco valle
Comvosco estou velando.
Tudo dormindo está, tudo descança,
E a minha Alcida a estas horas dorme;
Porém dormindo lá me tem comsigo
No brando pensamento:
Se acaso, amaveis sonhos, estas fias
Neste lugar por minhas mãos plantadas
Prazer vos dão em quanto dorme Alcida,
Voai aonde eu vos mando
Nas frescas margens dos serenos rios,
Que regão Paphos, e os Jardins d'Italia.
Cresce, travessa chusma numerosa
De brincadores sonhos,
Com as azas bordadas de mil côres,
De que dependem mil, e mil desejos,
Quaes lindas borboletas revoando
Por entre os myrthos brincão,

Ora se sentão nas fragantes rosas,
Ora se banhão na mais clara fonte,
Dormem de dia velão toda a noite.
Varias figuras tomão,
Citherea os sustenta, Amor os manda,
E a seu mando fieis, que n'alta noite
Da donzella gentil o casto seio
Ousados accommettem.
Se amaste já, se o meu amor vos move,
Voai Zefiros meus, voai ligeiros,
Colhei-me á mão os sonhos mais formosos,
Colhei quantos pudérdes.
Trazeimos sobre as azas bem seguros,
Que vos não fuja hum só; em mos trazendo
Voai, voai depressa, ide lançá-los
Sobre os peitos d'Alcida.
Sobre os peitos de Alcida inda nascentes
Hum a hum os lançai, mais com brandura
Cubrão seus peitos mil travessos sonhos,
E com elles se abracem.
Dahi com brando geito, e gentil força
Té o seu coração manso calando,
Todos a hum tempo gostos mil lhe finjão,
Excitem mil prazeres.
Acorde o seu amor, despertem n'alma
Doces lembranças, que até ahi dormião,
E brotem lá das íntimas entranhas
Fervorosos desejos.
Arda mais incendida a chama viva,

Que por mim de continuo arde lá dentro,
De veia em veia vá lavrando o fogo,
E o corpo lhe repasse.
Suspire então d'Amor, Alcino chame,
Só veja o seu Alcino por quem morre:
Amaveis sonhos, se em vós ha ternura
Mostrai-lhe o seu Alcino.
De gosto ao ver-me o coração lhe salte,
Doce sorriso por seu rosto vôe,
A mão me estende, como quem me chama
A seus queridos braços.
De seus mimosos encarnados beiços
Desprende, inda que em vão, risonhos beijos,
Solte vozes d'amor, e de ternura
Banhada d'alegria.
Como se junto a si, o seu Alcino
Doce tivera sobre os alvos peitos;
Cruze com ancia os amorosos braços,
Nelles me tenha preze.
Então em mil prazeres entranhada
Solte hum terno suspiro, e vós ó ventos,
Trazei-mo aqui depressa, inda abrasado
Das chamas de seu peito.

EPICEDIO

A' morte de José Francisco Leal, Lente de Medicina na Universidade de Coimbra.

Que nova confusão! Que triste scena,
O ar toldado, o vento enfurecido
As nuvens do seu seio despejando
Chuveiros inundantes.
Fusíla ao longe o rápido corisco,
Horroroso trovão nos valles sôa,
Apinhão-se os rebanhos, assombrado
Treme o pastor de susto.
Lá dos altos zimborios tristemente
Negras nocturnas aves vaticinão
Hum terrivel successo, hum caso raro,
Hum caso memorando.
Quanto a face da terra está mudada!
Parece, que os seus eixos tem perdido
A machina do mundo, o triste inverno
Já mais foi tão funesto.
Que nova confusão, que triste scena!
Das concavas cávernas do Mondego,
Como nunca se vio, as Ninfas todas,
Afflictas vem sahindo.

De funebre tristeza revestidas,
Soltos ao vento os lucidos cabellos,
Estas tristes canções chorando entoão
Ao som da rouca lira.
Morreo, morreo, quem as verá sem pranto!
Hum mestre abalisado, hum homem raro,
Em idade viril, tyrannas Parcas,
A vida lhe roubárão.
Hum Apollo, hum Orfeo perdemos nelle:
He justo pois, que tão sensivel perda
Seja sempre chorada, em quanto as aguas
Bebermos do Mondego.
Oh! Quantas vezes nestas mesmas margens
Ao seu toque suave não dançámos;
Quantas vezes, ó rio, não paraste
Na rápida corrente.
Seu nome proferir a dôr não soffre,
Que as vozes na garganta ficão prêzas;
He grande a magoa, he grande o sentimento,
Choramos sem remedio.
Os mesmos elementos perturbados
Tambem querem sentir tão grande perda;
Suspira e geme a Natureza toda,
Tudo com nósco sente.
Já não existe, que terrivel magoa,
Hum genio singular, profundo, e raro,
Hum docil coração, huma alma nobre,
Tão cedo se perdêrão.
Que rasão, justos Ceos, vos move a tanto!

Porque motivo não fazeis eternos
Os homens grandes, os varões preclaros
As almas sublimadas.
Se tu, genio immortal, lá nesse assento,
Onde a virtude em doce paz impéra,
Lembrança deste mundo inda conservas,
Accéita o nosso pranto.
Os olhos hum momento á terra volve,
Verás banhado de amargoso pranto
O teu frio cadaver, os despojos,
Que vemos por instantes.
Teus tristes companheiros soluçando
Verás tambem c'o a Academia toda
Seu choro misturar, tanto magôa
Tua fatal ausencia.
Repousa em paz, repousa eternamente,
Que o tempo gastador tua lembrança
Ha de mais respeitar, que não respeita
O bronze, o diamante.

O D E.

I.

Cercando a urna d'oiro
Eu vejo os Generaes do forte Grego;
A' fria sombra me avisinho, e chego,
Observo o murcho loiro
Na descorada testa:
Nada do antigo resplandor me resta,
Mal da languida mão d'industria préso
Cahe, ou pende do sceptro o inutil pezo.

II.

Se serás de Filippe
O vencedor herdeiro, aqui pergunto,
Deixa que o mundo a teu cadaver junto
Este aviso antecipe;
Elle não póde crer-te,
Se hoje, Olimpias, por ti lagrimas vérte,
Aonde estão os grandes, onde as glorias
Com que a Pátria te honrou, tantas victorias?

III.

As legiões distantes
Aos limites das terras verdadeiros,
Nós te vimos marchar entre guerreiros
Esquadrões triunfantes:
Té os reinos d'Aurora
Levaste o ferro, e a' chama abrasadora,
Mas desde o Indo, e desde o Idaspe cheio
Voltas de luto, a terra te abre o seio.

IV.

E que espaço te espera
Do conquistado globo? Acaso a vasta
Extensão do Universo? Ah não, não basta
A Alexandre, que dera
Tanto susto ao Universo,
Que affrontando o terror de Marte adverso,
De novos mundos a conquista aspira,
Não basta o mundo todo a erguer-lhe a mura-

V.

Do Antartico a Calisto
O ambito se busque; neste espaço
Se guarde o peito, e se sepulte o braço,
Que a Grecia tem já visto
De rápidas campanhas
Tinto no sangue, ó Ceos, elle ás entranhas
Da terra desce aqui em termo breve,
Sóbe ao sepulchro, e cobre-o terra leve.

VI.

Grandes, que arrebatados
Da soberba ambição, levais a guerra
A's mais longiquas regiões da terra,
Agora debruçados,
Se he que o pasmo o concede,
Sobre o sepulchro de Alexandre, vêde
Como eloquente o seu silencio dita
Os desenganos, que a rasão medita.

VII.

Filosofos de Athenas,
Os pórticos deixai de Themis clara,
Lição mais digna hum morto vos prepara:
Da Academia as serenas
Estudiosas horas
Abandonai, tu, que divino fôras
Sábio Platão se esta doutrina léras,
Como tardas a vir, que mais esperas?

VIII.

Mas já dizer-te escuto
A' vista do espectaculo funesto;
Este do heroe o desgraçado resto?
Das conquistas o fructo?
Outros a colher correm,
Se quentes inda da victoria morrem
Os dominantes d'Asia; oh! E quão pouco
Dista o orgulho d'hũ grande, ou já d'hũ louco!

IX.

O sábio d'Estegira,
Deixa, que entre, e registe a infausta scena;
Elle he que as honras funeraes ordena
Ao vencedor que espira:
Eu te instrui prudente
Na temperança, diz, hoje presente,
Hoje a meus olhos, tu lição mais pura,
Me ensinas desde a fria sepultura.

X.

A tropel vem chegando
Os mais que a Grecia aos seus fastos conta,
Aqui Demetrio, alli Metrou se aponta;
Philotes está dando
A distinguir seu rosto:
Xenofonte, Soppu, Philaru, posto
Cada hum sobre o tumulo feridos
De penetrante dôr lanção gemidos.

XI.

Tu, Philemon famoso,
Que de teu General honraste o lado;
Tu, que ao Thrace feroz, ao Scita ousado
Disputaste brioso,
Se te vejo este dia
Suffocar toda em luto Alexandria,
Quando cingido de abrasadas luzes
Do Augusto Chefe o feretro conduzes.

XII.

Tu, só por derradeiro
Deves alçar a voz ao giro em roda,
Que cevão já teus olhos, pende toda
Junto ao morto guerreiro
A officiosa assembléa,
Das humanas grandezas huma idéa
Principes vos atterre; estes spectros
Fallão só c'os diademas, e c'os sceptros.

XIII.

Ah! Possa hum destro engenho
Sobre a campa do heroe deixar gravado
Sábio letreiro, á idade encommendado:
De o consultar eu venho
Nas Anticas fadigas:
Caminhante, aqui jaz, mas não prosigas,
Quem o mundo a si todo vio sujeito,
Para occupar do mundo hum campo estreito.

Claudio Manoel da Costa.

QUADRA.

Heide amar-te até á morte,
Quer tu me queiras, quer não;
Serei no amor desgraçado,
Mas com discreta eleição.

GLOSA.

I.

NÃo fujo, póde rasgar
Este peito desgraçado,
Que o teu gesto retratado
Has de, cruel, nelle achar,
Posto te veja roubar
A Parca a tezoira sorte,
E dar-me na vida corte
Inda ouvirás, que te digo,
Ingrata, não me desdigo,
Heide amar-te até á morte.

II.

Vou á Amor assevetar
O sagrado juramento,
De até ao final alento
Firmemente te adorar;
De joelhos ante o altar
C'o a devida submissão
Resoluto ponho a mão,
Juro nas sétas tremendas
De te amar, quer tu me offendas,
Quer tu me queiras, quer não.

III.

Amor c'ó as mãos apressadas
Ergue dos olhos a venda,
E pasma da jura horrenda,
Que assusta as aras sagradas;
Eis as correntes pezadas
Que te esperão: diz irado,
Eu as acceito humilhado;
Não, ó Deos, não esmoreço
C'os ferros, posto conheço
Serei no amor desgraçado.

IV.

A liberdade ultrajada
Lança-me a revez a vista,
Risca-me da honrada lista,
E chama-me escravo inda:
Não crimines indigmada
Esta nobre sujeição,
Arrasto o ferreo grilhão,
Mas por quem! Por Nize bella,
Ah! Sim te deixo por ella;
Mas com discreta eleição.

QUADRA.

Melibeu tem dó de ti,
Que o teu mal vai a peor,
De huma vez desata os laços,
Ah! Não mais, não mais Amor.

GLOSA.

I.

JA' de padecer cançado,
Consultei o desengano;
Doce asylo a hum triste humano;
Mas sempre tarde buscado,
De roxo lirio coroado
Sobre hum lizo jaspe o vi,
Quanto amei, quanto soffri
Lhe expuz, triste me escutou:
„ He já tempo, me tornou,
„ Melibeu tem dó de ti.

II.

Se esperas no amor piedade
Tarde acharás compaixão,
E em tanto ao som do grilhão
Vôa a fugitiva idade;
Dar-te-hei paz, e liberdade,
Pens que nunca deo Amor,
Tarda, ou não vem seu favor,
E em ti proprio pódes vêr,
Com teu longo padecer,
Que o teu mal vai a peor.

III.

Vês de grilhões destroçados,
Essas paredes vestidas,
A tantos salvei as vidas
Do cativeiro arrancados:
Troca em canto os ais magoados,
Desprende os cingidos braços,
Faze as prisões em pedaços;
Facha, e venda ao Lethes lança,
De huma vez perde a esperança,
D'huma vez desatá os laços.

IV.

Disse, e subito fugio
A meus olhos Nume, e Templo,
Divino conselho, e exemplo
O dubio passo impedio;
Bradava Amor, que ouvio
Jurando dar-me favor,
Já te não creio traidor,
Assaz soffri longos annos,
Basta de penas, e enganos,
Ah! Não mais, não mais amor.

QUADRA.

Entre funebres cyprestes
Lugar de dôr, e afflicção,
De amantes tristes cercado
Morro sem consolação.

GLOSA.

I.

Junto ás margens do Cocito
Verdenegro bosque encerra
Aos que não cobrio a terra,
Ou por naufragio, ou delicto:
Surdo Acheronte ao seu grito,
Passa aquelles, deixa a estes,
Que envoltos nas frias vestes
Piedosa campa esperando,
Andão tristes revoando
Entre funebres cyprestes.

II.

Os que morrem delirantes
Por Amor vagão aqui;
Que á Pithia em Delfos o ouvi
Predizermo, e a mil amantes,
Mudada a voz, e os semblantes,
Predisse: os destinos são,
Que os que acabou a paixão
Inda mortos, nenhum veja
Outro lugar que não seja
Lugar de dôr, e afflicção.

III.

Já creio ouvir resoar
Do Cerbero o infando grito,
E ao rouco som do Cocito
Nocturnas aves piar;
Ouço as serpes sibillar,
Que as furias tem no toucado;
Vejo Acheronte enrugado
A estreita prancha estendendo,
E a dura escolha fazendo,
De amantes tristes cercado

IV.

Chegou o fatal instante,
Já o leve pó fugitivo
Para no relogio esquivo,
Que a morte me põe diante
Acabarei delirante
Na minha infausta paixão,
Mal pago da ingratidão
Na vida, e vendo que a morte
Me não dará melhor sorte,
Morro sem consolação.

SONETO.

QUiz dar o Ceo á Lusitana gente
Heroe guerreiro, que seu nome honrasse,
E deo-lhe hum Nuno, que de Lisia ornasse
De eterno loiro a magestosa frente.

Do Sol quiz dar-lhe o berço florescente,
E trouxe o Gama á luz, que assoberbasse
Nunca calcado mar, e descerrasse
A' culta Europa as portas do Oriente.

Quiz dar-lhe idade d'oiro em paz brilhante:
Reina Manoel; do Indo náo ligeira
Lhe traz ao Téjo hum throno de diamante.

Quiz dar-lhe em fim por gloria derradeira,
Quem sua doutrina em alta rima cante,
E deo-lhe o grande, e immortal Ferreira.

A' S ARTES

POEMA,

Que a Sociedade Litteraria do Rio de Janeiro recitou no dia dos annos de Sua

MAGESTADE FIDELISSIMA.

JA' fugirão os dias horrorosos
De escuros nevoeiros, dias tristes,
Em que as Artes gemêrão despresadas
Da nobre Lisia no fecundo seio.
Hoje cheias de gloria ressuscitão
Até nestes confins do Novo Mundo.
Graças á Mão Augusta, que as anima!
Vejo grave Matrona meditando (1)
Com os olhos no Ceo: a mão exacta
Dos Planetas descreve o movimento:
Por justas Leis calcula, peza, e méde

(1) Mathematica.

Forças, massas, e espaços infinitos.
Dous Genios Voadores lhe apresentão
Movel eburneo Globo, em que ella grava
Os limites do Imperio Lusitano:
Ella dirige sobre os vastos mares
Nadantes edificios; que transportão
Os thesouros, e as Armas de que treme
O ultimo Occaso, o primeiro Oriente.
A par desta outra Deosa move os passos (2)
Da firme experiencia sustentada:
Ella conhece as causas, e os effeitos;
Ella exerce, ella augmenta, e diminue
Da Natureza as forças: a Luz pura
A través do Cristal separa os raios,
E mostra aquellas primitivas côres,
Que formão a belleza do Universo.
Por suas Leis os differentes Corpos
Se ajuntão, e se movem: o Tridente,
Que levanta, e que abate as negras ondas,
Escuta a sua voz; e o mesmo Jove,
Se troveja, e fulmina, reconhece,
Que ella o move, ella o rege, ella o desarma. (3)
Funesta gloria, que custou a vida
Ao novo Prometheo, que impio roubára (4)

(2) Fisica experimental.
(3) As experiencias da materia Electrica sobre o Raio.
(4) O desgraçado Professor de Petresbourg

A sutil chama do Sagrado Olimpo!
Por ella o Nauta illustre, e valoroso, (5)
Vendo abaixo dos pés as tempestades,
Vai sobre as nuvens visitar a Esféra.
E tu quem és, oh Ninfa, tu que ajuntas,
Indagas, e descobres os thesouros,
Que fecunda produz a Natureza? (6)
Recebe as tuas Leis todo o vivente
O nobre racional, o vil insecto,
O mudo Peixe, as Aves emplumadas,
As indomitas Féras, e escamosas
Mortiferas serpentes, e os Amphibios,
Que respirão diversos Elementos.
Dos Vegetáes na immensa variedade
Tu conheces os sexos, e distingues
Quaes servem ao Commercio, e quaes restaurão
A perdida saude: tu nos mostras
A prata, o ouro, as pedras preciosas,
Com que opulenta a inclita Lisboa
Vaidosa sobre o Téjo se levanta:
A tua mão benefica, rasgando
Occultas vêias d'asperos rochedos,
Arranca o ferro, que revolve os campos,

Richman, que morreo experimentando o Conductor da materia Electrica.

(5) O primeiro Aeronauta Monsieur Pilatre de Rosier.

(6) Historia Natural.

Por quem o lavrador recolhe alegre
Do seu nobre suor os doces fructos.
E tu, que com poder quasi divino (7)
Imitas portentosa, rica, e bella
As producções da sábia Natureza,
Vem, ensina aos Mortaes, como a Materia
De mil diversos modos combinada,
Forma infinitos mil corpos diversos;
Huns, que respirão, outros que vegetão,
Outros, que nem vegetão, nem respirão.
Por tua mão laboriosa vejo
Em pedra transformar-se a molle argilla
Em Cristal as aréas: tu desatas
A união dos metaes, e ainda esperas
Formar o Ouro brilhante, que ennobrece
Da inculta Pátria minha os altos montes.
E se eu tremo de horror, vendo-te armada
Huma mão de mortiferos venenos;
Agradecido, e respeitoso beijo
Outra mão, que benigna me prepara
As riquezas, e as forças, que reprimem
A pallida doença, rodeada
Dos espectros da Morte... Ah vem, ó bella
Irmã da Natureza enfraquecida, (8)
Que provida conservas, que renovas
Da humana vida a preciosa fonte.

(7) Chimica.
(8) Medicina.

De que serve o valor, e os cheios cofres
De Midas, ou de Cresso, se desmaião
Em langidez os membros, quando a febre,
E os correios da Morte accelerados
Do afflicto coração ás portas batem.
Então cheia d'amor da humanidade,
(Misera humanidade!) pouco a pouco
Tu a consolas, e ergues d'entre as sombras,
E frio horror da negra sepultura.
Estende, estende, ó Deosa, a mão benigna
A' fraca humanidade: e tu, que pódes
Unir os rotos lacerados membros, (9)
E com saudavel, e polido ferro
Afugentas a Morte, e que conheces
Todos os laços da structura humana,
Entorna o doce balsámo da vida
Sobre os tristes Mortaes. Já reconheço
Outra formosa Ninfa, que descreve (10)
Toda a extensão da Terra, o Mar, os rios,
As famosas Cidades, e as montanhas
De polidas Nações brandos costumes,
E de barbaros Póvos féra usança.
Sincéra índága, e cuidadosa exprime.
Com ella vem, bellissima Donzella, (11)
Que com grave eloquencia narra os factos,

(9) Cirurgia.
(10) Geografia.
(11) Historia.

Que o Mundo vio desde a Primeira idade:
Ella nos mostra em quadros differentes
Os tempos, as Nações, e a varia sorte
De Impérios elevados, e abatidos,
As allianças, a implacavel Guerra,
O progresso das Artes, e a ruina.
Mas que illustre Matrona entre as mais vejo
De verdes louros coroada a frente? (12)
Tem nas mãos plectro eburneo, e lira d'ouro,
Que celebra os Heroes, e que eterniza
No templo da Memoria, o Nome, e a Fama
Dos inclitos Monarcas: já das Deosas
A companhia escuta: já repousão
As nuvens sobre o cume das montanhas:
O rouco Mar, os ruidosos Ventos,
A fonte, o rio, os ecos adormecem:
Reina o silencio: em tanto solta aos ares
Calliope divina a voz sonora.
Os Tyrannos da Pátria, assoladores
Do Povo desgraçado, são flagellos,
Que envia ao Mundo a colera Celeste:
São dos Mortaes o horror, a infamia, o odio,
Mais cruéis, do que a peste, a fome, e a guerra.
O seu dia Natal he dia infausto,
Dia de imprecação, época triste
De susto; e de geral calamidade;
Mas o Monarca generoso, e pio,

(12) Poezia.

Amor, delicias, esperança, e gloria
Na Nação venturosa, que protege,
He Dom raro, e magnifico, que nasce
Da Eterna Mão, que volve os Ceos, e a Terra.
O dia, o feliz dia, que primeiro
O deo ao Mundo; he dia assignalado,
He dia de prazer: o Povo unido
Levanta as mãos ao Ceo: os puros votos
Com as lagrimas de gosto misturados,
São a publica voz, e o testemunho
De gratidão, de amor, e de ternura.
Tal he, Rainha Augusta, a vossa Imagem,
Tal foi o inclito Rei, que teve a sorte
De deixar á saudosa Lusitania
A digna Filha, generosa Herdeira
Do grande coração, do vasto Imperio.
Se elle invicto abateu com braço herculeo
A horrivel Hydra, os detestaveis Monstros;
Deixou tambem aos vossos firmes passos
Da bella gloria abertos os caminhos.
O Coro illustre das Reaes Virtudes
Vos segue em toda a parte; e a Esperança
Da Nação venturosa junto ao Throno
Erguendo os olhos, e alongando os braços,
De vós confia, e só de vós espera
Os bellos dons da paz, e da abundancia.
Vejo por terra a estupida, e maligna
Cohorte da ignorancia: e se ainda restão
Vestigios da feroz Barbaridade,

O Tempo os vai tragando: assim as folhas
Murchas, e áridas cahem pouco a pouco
Dos proprios ramos nas regiões d'Europa,
Quando pesado, o triste e frio Inverno
Sobre o carro de gelo açouta as Ursas,
E fere as nuvens com aguda lança.
Chegão por Vós aos mais remotos Climas
Premiadas as Artes: eu as vejo,
Eu as ouço, que juntas neste dia
Entre os transportes de prazer entoão
Ao vosso amavel nome eternos hymnos.
Elles voão, levando ao Ceo sereno
Nas brancas azas os mais ternos votos
De respeito, e de amor, que vos consagra
Rude, mas grato Povo Americano.
Já destes votos nasce, e se derrama,
Como a neve dos Alpes, a torrente
Da vossa Gloria, que de dia em dia
Igual ao vosso Nome se levanta;
E os ultimos vindouros admirados
Inda a verão crescer no amor dos Povos.
E tu, que triste, e pensativo observas
Este de Gloria eterno monumento,
O' fero tragador dos bronzes duros,
Arroja o curvo ensanguentado ferro,
E confundido, e temoroso adora
Aos pés do Regio Throno Lusitano
Da Rainha immortal o Nome Augusto.

Manoel Ignacio da Silva Alvarenga.

A SUA ALTEZA REAL

O

PRINCIPE REGENT

NOSSO SENHOR.

O D E.

. . . Micat inter omnes
. . . Velut inter ignes
Luna minores.
HOR. Liv. I. Ode. XII.

Resplandece immortal nas acções bellas
Qual resplandece a Lua entre as estrellas.

I.

EU se no lodo impuro
Deixo o vulgo atolado, e aos astros vôo,
Novo, canoro Cisne,
A ti, divino Horacio,
Devo o furor, a ardente chama devo,
Com que atrevido, desdobrando assombro
D'assumpto não vulgar carrego os hombro

II.

Tu do Parnazo ás grutas
Infante me subiste ; e ao Deos do Estro
Por alumno me déste ;
Tu me apontaste o throno ,
Inda da luz celeste esclarecido ,
Onde das Musas respirando o bafo ,
Deixaste apoz de ti Pindaro , e Sapho.

III.

Por ti cantei mavioso
De Venus , de seu Filho , o Cesto , a Venda ;
E as meigas nuas Graças
De abrazador deleite :
Tu as canções , os hymnos me ditaste ,
Com que dos Lusos o immortal Monarcha
Salvei triumfante do Poder da Parca.

IV.

Oh ! Como acezo brilha
Dos astros entre o lucido cortejo ,
Seu nome scintilante !
Como os clarins a Fama
Todos emboca , e sobranceira ás nuvens
Com seu digno louvor o mundo atrôa
Desde o último Occaso á Plaga Eôa.

V.

Não porque a dextra armada
Dos igneos raios do vermelho Marte,
De abrasados impérios
C'o fumo o Ceo toldasse;
Rios de sangue atravessando em furia,
E ao som dos prantos compassando o estrago
Que assolou Roma, que prostrou Carthago

VI.

Já justiceiro Jove
Punio a ardencia do insofrido Carlos
Nos campos de Belona;
Nos campos, onde outróra
De cem bravos canhões acompanhado,
Cada palavra, que ás legiões soltava,
Era a tuba da morte, que soava.

VII.

Como he futil a gloria,
Que a virtude, e a rasão não tem por bases
Das illusões despido,
O sábio em mais estima
O rigido Catão, o austero Castro,
Que Eugenio vencedor em mil combates:
Socrates mais que o domador do Eufrates

VIII.

Assim caminho abriste,
Claro Pompilio, ao Templo da Memoria,
Sem das ferozes aguias
Ensanguentar o vôo;
Na ventura, na paz dos teus vassallos
Assim PRINCIPE excelso pões teu fito
Seguindo a Numa, devançando a Tito.

IX.

Não pende a vera gloria
De carros triumfaes, de Reis cativos;
Tulio, que foi de Roma
O salvador, o amparo,
Nunca as aras saudou do Capitolio
Tinto de sangue o rosto enfurecido,
De algemadas nações atraz seguido.

X.

Mas na suprema Curia
Os direitos da pátria sustentando;
Mas os fataes projectos
Do impio Catilina
Cortando em flor; e d'alto zêlo armado;
C'o a valente expressão impondo freio
Da sedição ao monstro horrendo, e feio.

321228B

XI.

Assim pomposo dique
Affronta as iras da torrente insana,
Que em ondas se desliza
Pela quebrada arêa;
Assim Franklim devaçador da Esféra,
De Vulcano, dos Brontes com injúria
Corta as azas ao raio, a Jove a furia.

XII.

O' Lusitano Augusto,
Tu, que de taes Varões a senda pizas
Por onde ao Templo forão
Da lustrosa Memoria,
Qual te espera no Elysio, afortunado
Prémio digno da candida piedade
Com que renovas de Saturno a idade!

XIII.

Verás a ti correndo
De teus Avôs a turba magestosa,
E com solemne voto
Ceder-te a clara palma
Da sciencia de reinar; darás inveja
A quantos Reis, o Nilo, singulares,
Ergueo ob'liscos, levantou altares.

XIV.

Ah! Dai-vos pressa, ó Lusos,
De tão grande Monarcha a encher as vistas;
Do ocio nos momentos
Desmascarai o vicio,
Promovei da virtude, o esforço, o heroismo;
E zombareis do horror do fado adverso
Dando gloria á Nação, gloria ao Universo.

A' INAUGURAÇÃO

DA ESTATUA EQUESTRE

DO SENHOR REI

D. JOSE' I.

O D E.

I.

QUe heide offertar de Jóve ás sábias filhas
Que as artes educárão,
E as memorias daquellas maravilhas,
Que os tragadores seculos gastárão;
Illesas conservárão
Transmudadas em lucidas estrellas,
Onde o tempo não vôa a escurecêllas.

II.

Tu, Citara Febea, que enterneces
O torvo Marte irado,
Que o ministro dos raios adormeces
Sobre o sceptro de Jove repousado,
E o tridente azulado
Fazes depôr no solio Neptunino,
Excita para o voto o immortal hymno.

III.

Se pello herno em tropel acelerado
Os bosques vão descendo,
Se o strimon pára o curso arrebatado,
Se os antigos carvalhos vem correndo
A Orfeo obedecendo,
Para o teu Vate, ó Delio, não te rogo
Tantos dons, sopra hum raio do teu fogo.

IV.

Rainha das virtudes entra ousada
Das Pierides divinas
Na concha d'altas redeas; solta, arnada
Limpa verdade as vozes cristalinas,
E ao som das cabalinas
Murmuradoras aguas vai dizendo
Do antigo Cháos o negrume horrendo.

V.

Envolta Creta em densa escuridade
Só os Deoses distinguião:
Justo, e injusto, virtude, e iniquidade
Legislou Minos, sábias leis se ouvião;
Cem Cidades se erguião;
O' dos antigos Lusos sombras tristes
Levantai-vos, he Elisia a que vós vistes?

VI.

Quando o sceptro da Augusta Potestade
Jove primeiro toma,
Dá-lho a justiça, adorna-lho a piedade:
Belona o dava à seu capricho em Roma:
He grande o Rei, que doma
Não gentes livres com cruél fereza;
Mas dos rebeldes vicios a torpeza.

VII.

Prudentissima Astrea as tuas bellas,
Tuas filhas formosas
Tecião para os Lusos mil capellas;
Soltava Eunemia as vozes sonorosas,
E as irmãs carinhosas
Justiça, Paz, ternissima Equidade
Ramavão feliz tranquilidade.

VIII.

Que infando caso no Etna inflammado,
Tipheo soberbo treme,
As cem cabeças move, e o peito anciado,
Ao revolver-se o monstro, o monte geme,
A madre terra, treme,
E Atropos mostra á destroncada gente
Os reinos de Proserpina indolente.

IX.

Mas, que formosa, que louçã donzella
De fronte torreada,
Que o neto de Titan não vio mais bella,
C'o a veste d'oiro, e perlas recamada
Se levanta coroada:
Ah! Onde estou, que vejo, que me inspira?
Far-te-ha Febo immortal na minha lira.

X.

Mnemosine, de Jupiter esposa,
Que espalhas claridade,
No ópaco Lethes rasga luminosa,
Os rôxos véos do irmão da eternidade
Da grata lealdade,
Que o colosso erigio, que o tempo affronta
As mil causas beneficas reconta.

XI.

Já Evias cinge a fronte avermelhada
Com a parra frondente,
Vibra o Tirso, enramado annella, e brada,
Vai Pan tangendo a flauta docemente;
E a Naiade contente,
Que o vaso da abundancia recebéra
Fructos entorna, e longa Primavéra.

XII.

Tu grão Neptuno bates o tridente,
Brotas ginetes féros,
Desligas Marte, que c'o a irman potente
Cinge d'armada gente os fins Iberos,
E os vãos estranhos ferros
Despreza a Lusa industria o collo alçando,
E o vil ocio das rosas arrancando.

XIII.

Lá se vê Frymigesto recolhendo
Das sciencias as boninas,
Para adornar os cedros vem descendo
De Nereo as espaduas crystalinas,
Nas luzidas campinas
De novo exulta o esquecido Gama,
Renascer vendo o seu trabalho, e Fama.

XIV.

Quanto na terra ha bom, do Ceo dimana,
Gerou de Jove a mente
A divina Minerva, a gente humana,
N'uma grande na paz, Tito clemente,
Aurelio sapiente,
Que os Numes dérão, e outra vez tomárão,
Aos Lusos n'hum só Principe tornárão.

XV.

Do sábio Prometheu prole prevista
Teme o orbe apagado;
Themis a arte lhe dá com que resista
Ao solto abysmo de Neptuno irado,
Para que o tempo ousado
Não cúbra o heroe c'o véo do esquecimento,
Lhe ergue Ulyssea equestre monumento.

XVI.

Não tema Elysia vendo a Memphis triste,
Sem nome, e destoucada,
Que a idade a quem o bronze não resiste,
Do ensifero Orion, do Austro armada
Contraste denodada,
O padrão consagrado á Magestade,
Pois Clio o escuda, e offerece a eternidade.

XVII.

Alvos hymnos de loiro coroados
Em torno lhe revoão,
Quaes lá pelo Hibleo monte congregados
Roces enxames todo o ar povoão,
Das cem bocas resoão,
Da que a terra gerou vozes tamanhas,
Que eterno o fazem nas Nações estranhas.

AO ILL.mo E EX.mo

SEBASTIÃO JOSE' DE CARVALHO

MARQUEZ DE POMBAL &c.

O D E.

I.

NÃO de bronzes, ou marmores antigos
Estatuas levantadas,
Soberbos monumentos
Quero erigir por conservar teu nome,
Que o tempo acções heroicas não consome.

II.

Elogios fundados na lisonja
Menos fazer intenta
A Musa dissonante;
Vozes, que inspira o justo sentimento,
Irão ferir até o firmamento.

III.

Quantos, grande Marquez, quantos saudosos
Já dos teus beneficios,
Já das tuas virtudes
Querem talvez por sua propria gloria
Levar-te ao Templo da immortal memoria.

IV.

Menos altivo o meu discurso vôa,
Meu activo desejo
Dirá, se tanto póde,
Aprendendo dos mais a suavidade,
Quanto lhe inspira a candida verdade.

V.

Qualidades no berço adquiridas,
Ou de Avôs herdadas;
Bem que em ti as conheço,
Não são que sobre a Fama hoje te devão
Espiritos vulgares que as escrevão.

VI.

Buscar o fundamento á propria gloria
No sangue dos passados,
Embora o faça aquelle,
A quem da Providencia a mão avára
Os mais talentos todos lhe negára.

VII.

Mas tu, que tanto o Ceo enobreceo
Desses talentos raros,
Que fiel cultivaste;
Injuriar-te fôra se louvára
Só a nobreza, que o teu sangue herdára.

VIII.

Teu grande coração, tua alma grande
Assento da verdade
Formão teu elogio:
Oh! Quem podéra com vozes mais q̃ humanas
Descrever-lhe as virtudes soberanas.

IX.

Sacrificaste os dias venturosos
Em serviço da Pátria,
E já entre os estranhos
Eregiste com todo o fundamento
Firmes padrões ao teu merecimento.

X.

Inda as tuas memorias se conservão
Lá nas margens do Tanay,
E a gloria da Nação,
Que a cançados trabalhos te obrigava,
Com ficar bem servida te pagava.

XI.

Assim desempenhando altos empregos
A que te destinárão,
Em toda a parte foste;
Até que o teu talento respeitado
O mesmo Rei quiz ter junto ao seu lado

XII.

Da tua alma se vão desenvolvendo
Talentos ignorados,
E a mesma Providencia,
Que se empenha em fazer-te venturoso,
Te vai proporcionando ao fim ditoso.

XIII.

Cercado dos horrores dos estragos,
Os mesmos elementos
Se vião confundidos;
Voava a morte de hum a outro lado,
Consome a chama o que ella tem deixado.

XIV.

Mas tu, constante em meio das ruinas;
Nas sábias providencias
Com que o damno reparas,
A huns os dias vás accrescentando,
De outros os frios restos sepultando.

XV.

Dos innocentes, que seus pais perdêrão,
Das viúvas afflictas
O triste pranto cessa;
Depois que tu, com sábia providencia,
Amparas de huns, e outros a innocencia.

XVI.

Já de novo as cabeças levantando
Vão os Templos soberbos,
Das ruinas a imagem
Apenas fica ainda na memoria,
Para fazer maior a tua gloria.

XVII.

No ocio mollemente adormecidos
Os ramos do Commercio
Tu despertar fizeste,
Adquirindo em todos os estados
Ao Rei vassallos ricos, e honrados.

XVIII.

Quando na paz os membros descançavão
Nada menos pensavas,
Para os guerreiros factos
A milicia dispunhas sábiamente,
Dando maior poder á Lusa gente.

XIX.

As sciencias de todo abandonadas
Brotar da sua origem,
Teu exemplo fazia;
Hião de novo ao mundo apparecendo,
Como em todas as ordens se está vendo.

XX.

Fiel ás leis, que á pátria te ligárão
Ao Rei, como vassallo,
Bom pai, e bom amigo;
Unindo o Ceo em ti, quanto dar póde,
Quando sobre os mortaes seus dons sacóde

XXI.

Viste ceder ao seu fatal destino
Teu grande protector;
Então tua constancia
De todo o coração te abandonára,
Se para maior mal te não guardára.

XXII.

Sahio do eixo a roda, e transtornadas
Forão tuas idéas;
A fortuna inconstante,
Que ás vezes zomba do merecimento,
Te fez grande tambem no soffrimento.

XXIII.

Dos vis aduladores, numerosos
Cortejos não te seguem;
Só da tua familia
Foste em silencio triste acompanhado
No desterro funesto, mas honrado.

XXIV.

Lá de constancia cheio, abandonando
A' vil inveja a preza,
Apenas na memoria
Os já passados annos revolvias,
E com ar de desprezo tudo vias.

XXV.

Grande na gloria, grande nos pesares,
Ao termo promettido
Chegaste sem fraqueza,
Que as almas elevadas se conhecem
No meio dos acasos que acontecem.

XXVI.

Pagaste á terra o natural tributo;
O véo da humanidade
De todo desfazendo,
Vais unir teu espirito elevado
A' causa donde tinha dimanado.

XXVII.

As idades correndo, e renovando,
Outro igual não verão,
Em que talentos tantos,
Que nos mais fazem gloria, repartidos
Fossem n'hum só composto reunidos.

XXVIII.

As Musas, as Sciencias, o Commercio
Benigno protegias,
Da justiça a balança
Fizeste conservar com igualdade,
Promovendo a geral felicidade.

XXIX.

Tua perda fatal será sentida
Em todas as idades,
Teus mesmos inimigos,
Teu nome em tuas obras respeitando,
Irão tuas memorias conservando.

XXX.

Curvai cyprestes as erguidas frontes,
Cubri o monumento
Humilde, e desornado,
Que está guardando os restos preciosos
Do que será famoso entre os famosos.

AO ILL.MO E EX.MO D. RODRIGO DE SOUSA COUTINHO.

O D E.

Tu civitatem quis deceat status
Curas.

HOR. Liv. III. Ode XXIX.

STROPHE I.

EU nunca consenti, que a minha lira
Fosse lira de Cortes,
A verdade, a só unica verdade
Soube inspirar-me o canto:
Verdade foi meu Nume; e até verdade
Cantei em meus amores.

Antistrophe I.

Dize-o, ó Marcia, dizei-o vós, ó lindas
Affortunadas almas,
Que gozaes das virtudes lá no Elyseo,
Quando vos cantei bellas
Bellas vos pregoou brado universo
De veridigo alcance.

Epodo I.

Vós me affinaste a lira,
Por vós surgi Poeta;
E os myrthos, que ainda a fronte me coroão,
Vossas mãos os tecêrão.

Strophe II.

Longe, longe de mim torpe lisonja,
Que te regeite a lyra,
Se nunca te invoquei para os amores;
Mais desabrido ainda
Serei comtigo para o digno prémio
Do Varão, que ama a Pátria.

Antistrophe II.

Se nobre he acaso, acaso he ter engenho,
Ser virtuoso he tudo,
E empregar as virtudes, os talentos
Em ser proficuo á Pátria,
E levar a virtude a grão supremo
Além da commum gloria.

Epodo II.

Assim tho gravou firme
Com letras indeleveis,
A divina Minerva, quando os passos
Guiei ao Templo d'Honra.

Strophe III.

No amor da cára Pátria toda a somma
Das virtudes se abrange;
Nuno Alvres, que tomou sobre seus hombros
A defensão do Reino,
Amou a Pátria, o Rei, e poz o cume
A's virtudes, n'hum thausto.

Antistrophe III.

Com Deos na boca, e Deos no íntimo peito
Empunhou sempre a espada,
Que descorou as hostes inimigas,
Com Deos sempre ante a vista
Dava sãos pareceres gloriosos
No Conselho ao Rei Luso.

Epodo III.

Sempre c'o a Pátria em braços
Buscava duro os perigos;
Olhava o Ceo, do Ceo lhe vinha a mente,
O acerto nos discursos.

Strophe IV.

Servir a Pátria! Oh Fama duradoira!
Mais firme que as estatuas!
As pedras, bronzes são manjar do Tempo,
Dos corações dos homens,
Quando mana á memoria saudosa,
Perenne não se estanca.

Antistrophe IV.

Assim corre inda agora o ignoto Nilo,
E correrá perenne,
Quando já consumidas, e enterradas
As Piramides forem;
Leráõ Homero os ultimos vindoiros,
E o Pátrio amor de Ulysses.

Epodo IV.

Quando as pedras já gastas
Do Sigeo monumento,
Nem mostrar possão onde o féro Achilles
Jazeu em sono eterno.

Strophe V.

Eu, que bebi as aguas de Hypocrene,
Em largo vaso d'oiro,
Que sempre com as Musas me acompanho,
Deixo callada a lira,
Quando hum Varão, que tanto illustra a Pátria
Reclama os meus accentos!

Antistrophe VI.

Hoje a luz dos reverberos, que espalhão
Novo dia nas tréyas,
Contente a Elysia vê seus moradores
Trilhar segura vir,
No amparo de atalayas sempre á lerta,
Que amor da Pátria armára.

Epodo VI.

E os Cidadãos se encontrão,
Sem que hum d'outro se tema,
Que no traje, e na falla não se esconda,
Quem lhe derrame o sangue.

Strophe VII.

Não perde de seu preço, nem se avilta
Do bem público o anhelo,
Que a miuda vista desce a empregos
De não ufanos nomes,
Colbert, Sullí não desdenhárão féros
Lidas uteis á Pátria.

Antistrophe VII.

A Pátria he grata, os Cidadãos bem louvão
Quem fadigas lhe apouca,
O amigo, que o molesto enfadamento
Quer ir depôr no seio
Do brando Amigo, não pergunta errado,
Nem rua, nem pousada.

Erodo VII.

Com caridosas letras
A benefica dextra
Do Ministro sagaz lho aponta, e encurta
Rodeios enojosos.

Strophe VIII.

Opprobrio das Nações por mal polida,
E infectada de abusos;
Se hoje essa altiva fronte ergues ufana,
Na Europa entre as Cidades
Mais luzidas, á minha Clio pede,
Que cante a quem o deves.

Antistrophe VIII.

A Musa apregoará com almo agrado,
Que de adular contraria
Sempre a voz, sempre a cithara tem prompta
A celebrar sonora
Quem lugar se procura com virtudes
Na lembrança da Pátria.

Epodo VIII.

Seu brado aqui ressoa
Nestas longiquas terras,
Costumadas a ver heroes mui dignos,
Aos quaes tal nome ajunta.

Strophe IX.

Aqui se ouve com grato acolhimento
O nome de Rodrigo,
Aqui dão por feliz o Reino Luso,
Que tal varão possue;
E á sombra desse nome os Portuguezes
Cobrão mais alta estima.

Antistrophe IX.

Eu triste, e desvalido só desejo
Ter mór favor das Musas,
Para cantar tão alto o nobre Sousa,
Que me ouça o Nilo, e o Ganges,
E lá no seio azul saiba o Occeano,
Que ainda ha Portuguezes.

Epodo IX.

Que Menezes, e Nunos,
E mil passados Sousas
Vivem nesta vergontea esclarecida
De tão fecundo tronco.

Francisco Manoel do Nascimento.

A

DUARTE PACHECO.

O D E.

Aquelle, que guiado da virtude
Ao templo da suprema eternidade,
Sobe ornado da rijida constancia
Da indomita carnagem.
Com placido semblante abre caminho
Por entre rudes sarças espinhosas,
Por escarpados rijidos rochedos
Da ingreme montanha.
Não lhe fazem torcer o firme intento
Agudos uivos de roazes lobos,
Nem dos torvos leões roucos rugidos,
Nem serpes sibilantes.
Nem ver ao ar ardendo em viva brasa
Estridentes coriscos arrojar-se,
Nem ver a terra até o inferno aberta
Chamejando horrorosa.

Em vão com doce canto, e meigas vozes
Mil sereas risonhas lhe offerecem
Honras, thesoiros, mandos, e privanças,
Deleites infinitos.
Em vão lhe mostrão com sagaz porfia
Frescos jardins, palacios magestosos,
Com opiperas mezas, rodeados
De flores impudicas.
Pois que sem arredar da via hum passo,
Qual se de rijo bronze o peito houvera,
Tapa os ouvidos, cerra a tudo os olhos,
Inteiro, e inexoravel.
Sô acha n'alma a voz da sábia guia,
Com que a gloria dos máos lhe representa,
Como a luz do relampago nocturno,
Rápida, e temerosa.
Qual o alvo explendor da sã virtude,
Inda apesar das sombras da pobreza,
Bem como o sol sereno, e radioso
Vivifica, esclarece.
Saia embora do averno á luz do dia,
De viboras coroada a torpe inveja,
De calumnias, traições, fraudes, aleives
Armado o peito impune.
Com a boca pestifera bafeje
Da sua vida a candida innocencia,
Sim póde embaciar por algum tempo;
Porém não denegri-la.
Por meio destes riscos, e contrastes,

Sempre igual na tormenta, e na bonança,
Lá chega em fim ao cume da montanha,
Lá goza paz eterna.
Desta tempera o inclito Pacheco
O nobre coração tinha forjado,
Quando entrou pela foz do flavo Téjo,
C'o as mãos afferrolhadas.
Aquellas mãos, que exercitos rompentes,
Fortes armadas, tudo desbaratão,
E de Cochim indomitas sustentão
O vacilante Imperio.
Aquellas mãos, de quem ainda treme
A altiva Calecut, desprezadoras
D'oiro, dominios, mandos, e grandezas,
Por ser fiéis á Pátria.
C'o mesmo rosto placido caminha
Entre duros litores conduzido,
Qual mostrára nos tempos venturosos
Do ingrato Rei ao lado.
Ah! Que em vão a verdade dissipando
As sombras da cruel malidicencia
Lhe espedaça os grilhões, e mostra ao mundo,
Qual fôra sempre infacto.
Pois a pezada mão da desventura
De tal sorte opprimio o interior prestante,
Que no seio da misera pobreza
Acaba o grão Duarte.
Elizia dura, entranhas de rochedo,
Como assim desamparas hum tal filho?

Por quem sobre as idades mais illustres
Alças a fronte altiva ?
Jaz Pacheco, mas seu augusto nome
A despeito da morte sanguinosa,
E da furia cruel do voraz tempo
Será famoso, e eterno.
Sempre te chorarão o Téjo, e o Ganges,
Honrado heróe, em quanto no Universo
O lucido rebanho das estrellas
Apascentar Apollo.

O D E.

OS toscos versos, que me pedes, Castro,
Castro de illustre sangue, e d'alto aviso;
O' honra desta idade, ahi tos mando
Se assim o quereis.
Não ousava, Senhor, mostrar-tos, tinha
Ora receio, de que em teus ouvidos
Com tom desentoado mal soassem
Meus rudes cantos.
Ora temia com rasão pejar-te
O tempo, que tu gastas conversando
Os Deoses do Mondego, que vierão
Pedir-te amparo.
Não queira o Ceo, q̃ assim te eu roube hũa hora
A' alta empreza de que estás entregue;
Dá-te todo, Senhor, aos tristes rogos,
Que elles te fazem.
De barbaros Alanos feroz bando
Segunda vez lá do Aquilão gelado
Desceo sobre o Mondego, e os ferteis campos
Talou com ferro.
Ao Padre Rio, que corria ledo,
A rica urna de crystal lhe quebrão,
E á sabia filha ante seus olhos pizão
O colar d'oiro.

Tu, misera Princeza, d'aureo sceptro,
Que o grão Diniz te déra, despojada,
Rotas as regias vestes, triste arrastas
Os duros ferros.
Tuas Ninfas c'os olhos lagrimosos
Pelas margens do rio andão carpindo
Os cruéis dias, que te lá trouxerão
Tamanho estrago.
Apressai-vos, Senhor, vinde enxugar-lhes
Com mão piedosa as lagrimas que chorão,
Serenar-lhe os temores, que as traspassão
De crua magoa.
Quaes forão já d'alto valor armados
Os heroes de teu sangue em dura guerra,
Nos reinos da gemente Aurora
O Luso mando.
Tal tu agora vai ao campo, aonde
Tantas Ninfas te chamão, tantos Deoses;
Vai quebrar os grilhões, que tem captiva
A mãi das Musas.
Seus inimigos lhe abate, ergue o teu throno,
E nos hombros armados de diamante
Sustem-lhe longo tempo, em paz doirada
O seu imperio.
Quantas cousas os fados já promettem
De ti, ó Castro, nesta honrosa empreza,
Cousas, que vencem quanto illustre feito
Os teus fizerão.
Oh! Se eu então pudesse transmudado

No branco Cisne da soberba Thebas
As azas despregar, e erguer-te nellas
Até os astros!
Não rudes versos, como os que ora mando,
Mas sublimes canções, que espantarião
As Musas Gregas, as Latinas Musas,
De ti cantára.
Porém em vão quizera alçar meu canto
Para voar por todo o mundo ethereo;
Dos aligeros vates não precisa
Teu grande nome.

SEXTINAS.

I.

RAsga os Ceos o irado Jove
C'o trisulco horrendo lume,
E dos montes sobre o cume
Relampeja, tróa, e chove;
No furor da dura guerra
Treme o ar, os Ceos, e a terra.

II.

Rompe as nuvens raio ardente,
Que em si traz envolta a morte,
Descarrega horrendo corte
Dos *Gigantes* sobre a frente,
E sepulta os arrogantes
Sobmontes fumegantes.

III.

Despedaça o tronco annoso,
Que zombou do tempo avaro;
Quebra os marmores de Paro,
Faz tremer o pego undoso,
E ameaça eterno estrago
A Plutão no Estigeo lago.

IV.

Mas o raio, de quem treme
Todo o assento crystalino,
Só de hum simplice menino
O poder, e o braço teme,
Ninguem delle se defende,
Tudo a Amor, Marcia, se rende.

V.

Não intentes orgulhosa
Subjugar seu vasto imperio,
Se elle reina no Emisferio
C'huma luz tão poderosa,
Dá teus pulsos á cadêa,
E offender a Amor receia.

QUADRAS.

I.

ONde quer que a vista errante
Volto, ó Marcia, quanto existe
Eis me mostra negro, e triste
Da fria morte o semblante.

II.

Se me alegra o claro dia,
Que nos Ceos já vem rompendo,
Já na sombra o vai volvendo
Pesada noite, e sombria.

III.

Fresca rosa, que orvalhada
Serve ao prado de ornamento,
Pouco dura, e n'hum momento
Se vê murcha, e desfolhada.

IV.

Verdes folhas, que vestirão
O copado freixo annoso,
Com o sopro venenoso
Do surdo vento cahirão.

V.

Se o Ceo limpo se mostrou,
Se brilha azul o Orizonte,
Logo a viva, e leda fronte
Pesada nuvem toldou.

VI.

Por tyranna lei da sorte
Quanto aqui vive, e respira
Sente a força, e sente a ira
Da cruenta mão da morte.

VII.

E imaginas, Marcia ingrata,
Que essa fragil formosura,
Que a meus ais se mostra dura,
Deve ser da morte intacta?

CANÇONETA.

I.

O Manto azulado
A noite estendia,
Nas praias dormia
Perguiçoso o mar.

II.

Brilhava das ondas
obre a face bella
l luz amarella
lo frôxo luar.

III.

No pico das rochas,
o mar sobranceiras,
.ves agoireiras
: ouvião piar.

IV.

Tambem se escutavão
Nos curvos saveiros
Os lassos barqueiros
Em paz ressonar.

V.

Amintas sómente,
Que Tirce adorava
Amor não deixava
Jámais repousar.

VI.

Teimosas saudades
Callado soffria,
Mas já não podia
Mais tempo callar.

VII.

Queixas descuidadas
D'alma lhe fugírão,
As ondas rugírão
De ouvir seu pezar.

VIII.

„ De mim não te escondas,
„ Tirce desdenhosa,
„ Vem meiga, e piedosa
„ Meu pranto enchugar.

IX.

„ Tu prendes mil almas
„ Nas soltas madeixas,
„ Se soltas as deixas
„ Ao vento ondear.

X.

„ Imita a brancura
„ Do teu largo collo,
„ Quando d'agua o rollo
„ Se vê espumar.

XI.

„ Eu tenho a côr bassa,
„ As faces rugosas,
„ As mãos já calosas
„ De tanto remar.

XII.

„ Prêta barba hirsuta,
„ Cabello empeçado,
„ E o rosto crestado
„ Do vapor do mar.

XIII.

„ De vestes grosseiras
„ Meu corpo se cobre;
„ Mas tenho alma nobre,
„ Constante em te amar.

XIV.

„ De mim não te escondas,
„ Tirce desdenhosa;
„ Vem meiga, e piedosa
„ Meu pranto enxugar.

XV.

„ Se os ares agita
„ Dos ventos a guerra,
„ E indomito berra
„ Nas costas o mar.

XVI.

„ O barco encalhado
„ Na praia arenosa,
„ Em gruta musgosa
„ Me vou abrigar.

XVII.

„ Daqui tu bem pódes
„ Escutar sem medo
„ No opposto rochedo
„ As ondas roncar.

XVIII.

„ Nas tardes iremos
„ Ao pégo salgado
„ Com ferro farpado
„ O peixe sangrar.

XIX.

„ Verás pelas aguas
„ A vista espalhando,
„ As trutas pulando
„ Ao lume do mar.

XX.

„ Pois sei que dos quentes
„ Mariscos mais gostas,
„ As ruivas lagostas
„ Havemos pescar.

XXI.

„ Do Téjo enrugado
„ No limoso fundo
„ Coral rubicundo
„ Te irei apanhar.

XXII.

„ Os negros cabellos
„ Das ondas molhados
„ Nos hombros tostados
„ Ver-me-has gotejar.

XXIII.

„ De mim não te escondas
„ Tirce desdenhosa,
„ Vem meiga, e piedosa
„ Meu pranto enxugar.

XXIV.

„ Mas donde me levão
„ Amor, e o desejo?
„ Debalde velejo
„ Neste incerto mar.

XXV.

„ De ter minha sorte
„ Propicia mudança,
„ Tardia esperança
„ Só vejo raiar.

XXVI.

„ Quando dorme o dia
„ De Thetis no leito,
„ Não dorme em meu peito
„ O negro pezar.

XXVII.

„ Sonhos revoltosos
„ Despertão meus zêlos,
„ Vem mil pesadêlos
„ Minha alma abafar.

XXVIII.

„ Se a lua rodonda
„ No mar não se espélha,
„ E a aurora vermelha
„ Eu vejo assómar.

XXIX.

„ Emquanto os mais soprão
„ Os buzios torcidos,
„ Meus roucos gemidos
„ Se espalhão no ar.

XXX.

„ Se ás vezes intento
„ Na sésta calmosa
„ A rede nodosa
„ Ao sol enxugar,

XXXI.

„ Do peito arrancando
„ Profundos segredos
„ Aos mudos penedos
„ Os vou revelar.

XXXII.

„ O zefiro brando,
„ Que os ares bafeja,
„ Brandamente adeja
„ Só por me escutar.

XXXIII.

„ Podem os enganos
„ De Amor desvairado
„ Hum triste acizado
„ Em louco tornar.

XXXIV.

„ Parecem-me as praias
„ Lodosas e feias,
„ Negras as arêas,
„ Que o sol vem doirar.

XXXV.

„ Cuido se navego,
„ Que vejo as procellas
„ Romperem-me as vélas
„ Os mares cavar.

XXXVI.

„ Escuto assustado
„ No Ceo denegrido
„ O rouco estampido
„ Dos raios, troar.

XXXVII.

„ A' fròxa perguiça
„ O corpo se avéza,
„ Em outro a tristeza
„ Me veio tornar.

XXXVIII.

„ O nome hei perdido
„ De bom marinheiro
„ O barco ronceiro
„ Não posso varar.

XXXIX.

„ De mim se tem rido
„ Palemo sincero,
„ Quando ás vezes quero
„ Ò leme guiar.

XL.

„ O rumo perdendo
„ Só busco saudozo
„ O porto ditozo,
„ Que foste habitar.

XLI.

„ De mim não te escondas
„ Tirce desdenhosa,
„ Vem meiga, e piedosa
„ Meu pranto enxugar.

LXII.

Assim de seu peito,
Que afflicto arquejava
Amintas tentava
O fogo abrandar.

XLIII.

Eis que alegre vinha
Fresca madrugada
Da noite enlutada
O véo dissipar.

XLIV.

As molles estrellas
Como envergonhadas,
Se vão desmaiadas
Do dia, occultar.

XLV.

Ao longe se avista
Por entre os reflexos
Os verdes cabeços
As serras alçar.

XLVI.

Inda o terno amante
Mais dizer queria,
E apenas podia
Triste soluçar.

XLVII.

As forças robustas
Amor lhe quebranta,
Sentio na garganta
A voz resfriar.

XLVIII.

Forão cuidadosas
As Nereides bellas
Nas humidas télas
As queixas bordar.

XLIX.

Os ares ferirão
Suspiros magoados,
E os écos quebrados
Se ouvirão soar;

L.

De mim não te escondas
Tirce desdenhosa,
Vem meiga, e piedosa
Meu pranto enxugar.

CANÇONETA.

I.

OH! Quanto és bella
Vermelha rosa
Tu me retratas
Marcia formosa.

II.

Lindo botão
Pende ao teu lado
Pelos amores
Aqui plantado.

III.

Elle de Marcia
Me pinta a côr,
È o seu amavel
Terno pudôr.

IV.

Apenas brilha
A roxa Aurora,
Logo te busca
Junto com Flora.

V.

Ellas te animão
Tão brandamente,
Como de Marcia
Eu beijo a frente.

VI.

O tempo escasso
Te vai murchar;
Tristes idéas
Eu fui lembrar.

VII.

A minha Marcia
Tambem da morte
Ha-de sentir
O duro córte.

VIII.

Fazei-a, ó Ceos,
Ou menos bella,
Ou nunca a morte
Possa vencélla.

CANÇONETA.

I.

Não temas Marcia,
Entra sem susto
Do Deos d'amor
No Templo augusto.

II.

Não te intemides
Porque o vendado
Se pinta sempre
De aljava ao lado.

III.

Amor não tem
Alma tão dura,
Que não respeite
A formosura.

IV.

Quando tivesse
Peito de féra,
Teu lindo rosto
Brando o fizera.

V.

Entra, verás
Ligeiro bando
De mil amores
Ledo voando.

VI.

Mimozas flores
Andão colhendo
Querem grinaldas
Ir-te tecendo.

VII.

Venus deseja
Filha chamar-te,
Paphos, e Gnido
Quer adorarte.

VIII.

O vil ciume,
Negro furor,
Para assaltar-te
Não tem valor.

IX.

Tambem rendidos
Te adoraráõ,
Sua Rainha
Te chamaráõ.

X.

Suaves beijos,
Ternos abraços
De Marcia bella
Serão os laços.

CANÇONETA.

I.

Deitado na relva
Que hum cedro cobria,
Zombando da calma
Cupido dormia.

II.

Marilia, que a sombra
Tambem procurava,
Em brando repouso
Amor divisava.

III.

Achando que dorme
Bemdiz a ventura,
E as sétas hervadas
Roubar-lhe procura.

IV.

Algumas tirado
Já tinha d'aljava,
Té que huma mais fina
Na mão lhe picava.

V.

Depressa o veneno
Nas veias lhe gira,
E já sem remedio
De amores suspira.

VI.

Ao lindo menino,
Que então acordava,
Marilia formosa
Do mal se queixava.

VII.

Vem dar-me hum remedio,
Amavel Cupido,
Que apague este fogo
No peito incendido.

VIII.

O Deos lhe responde:
„ A Venus procura,
„ Que as chagas que eu faço
„ Sómente ella cura.

CANÇONETA.

I.

VArias ervas venenosas
O travesso Amor colhia,
E de todas com cautéla
Hum grande molho fazia.

II.

Venus, que occulta espreitava
De repente lhe fallou,
E o fim da nova empreza
Cuidadoza perguntou.

III.

Amor lhe responde: „ Ha muito
„ Que intento vencer Elcido,
„ Sem que ainda hum tal triunfo
„ Fosse por mim conseguido.

IV.

„ De quantas sétas melhores
„ Vulcano meu pai tem feito,
„ Inda não abrio só huma
„ Pequeño golpe em seu peito.

V.

„ Quero ver se envenenando
„ Algumas farpadas pontas
„ Abato huma alma soberba,
„ E vingo tantas affrontas.

VI.

Então a mãi com affagos
Lhe diz: „ Não temas Cupido,
„ Em breve tempo verás
„ Rasgado o peito de Elcido.

VII.

„ Vai nas lagrimas de Marcia
„ Molhar algum passador,
„ Que os prantos de huma bella
„ São o veneno melhor.

CANÇÃO.

Amores que velais em torno ao leito,
Em que ora está dormindo a minha Alcida,
Vêde como respira tão formosa
Em doce, e brando sono;
De quando em quando dos purpureos beiços
Se desprende hum suspiro enternecido,
Que terá ella, que suspira tanto,
Porque suspira Alcida?
Talvez lhe occupe agora seus sentidos
O seu amado Alcino; talvez sonha,
Que o tem junto á seu peito, que o tem prezo
Em seus mimozos braços,
Não a acordeis, amores, brandamente
Voai em rodor della, nao desperte,
Deixai-a assim dormir, gozar seus sonhos,
Seus sonhos tão formosos.
Porém se acaso a vaga fantasia
Lutando com sua alma em negro sonho
Mostrando-lhe outro objecto, de que Alcino
Perturba seus desejos;
Livrai-a, meus amores, de tal sonho,
Fazei ruido, acorde, acorde Alcida,
E trema inda innocente ter sonhado
Adulteros amores.

A huma velha que presumia de bons olhos

EPIGRAMMA.

QUe os teus olhos cada hú foi húa estrella
Cousa he Clori sabida,
Mas que hoje em vez de brilho tem remela
Tambem ninguem duvida.

Francisco Manoel do Nascimento.

EPIGRAMMA XIX.

DO L. I. DE MARCIAL.

Tinhas, Elia, se bem me lembro agora
Por todos quatro dentes, escarraste
D'huma vez c'o tossir dois dentes fóra,
D'outro tossir os outros dois lançaste,
Tosse sem susto, que ainda que arrebentes,
Já não has de escarrar mais outros dentes.

O mesmo.

IDYLLIO.

VOai, ternos suspiros,
Voai nas azas dos ligeiros ventos
Ide contar a Marcia que tormentos
Soffre minha alma aqui nestes retiros.
Suspiros lacrimosos,
Enchei-lhe de piedade os seus ouvidos,
Arrancai-lhe do peito mil gemidos,
Dizei-lhe, que cercado de agonia
Vivo aqui nesta selva escura, e fria.
Acompanhai meus ais, olhos saudozos,
Vertei copiosas lagrimas, vertei
Estes amenos prados deleitosos
Agora humedecei.
O' flores delicadas
De meu saudoso pranto hoje banhadas,
Se para vos colher
Alguma madrugada aqui vier,
Essa formosa Ninfa, que me adora,
Dizei-lhe, que o orvalho crystallino
Não he da roxa Aurora
He dos olhos de Ulino,

Dizei-lhe, claras fontes,
Que as aguas destes montes
Vossa clara corrente não turbou;
Mas, que forão as lagrimas, que a dôr
Dos olhos arrancou
Ao seu fiel Pastor.
Amantes rouxinoes, que enterneceis
Com vossas queixas meu afflicto peito,
Dizei-me, tristes aves, se fazeis
No coração de Marcia o mesmo effeito,
De Marcia, por quem vivo, a quem adoro,
Por quem são estas lagrimas, que choro.
Mas onde me detenho?
Não foi nestes lugares que gozei
Já nos braços de Marcia mil agrados?
Não foi entre estes alamos copados,
Que a delicada face lhe beijei?
Não forão estes campos venturozos
Que alegre já pizei com Marcia amada?
Não foi aquella fonte prateada,
Que via os nossos prantos amorozos?
Ah! Funestas imagens, quantos ais
Como lagrimas do peito me tirais!
Guiai-me, meus cordeiros,
Vamos buscando agora outros outeiros
Onde a vida alimente
De lagrimas, de dôres, de suspiros.
Fujamos desta horrivel solidão,
Que tanto me atribula o coração.

Mas ah! Que louco sou!
Eu triste aonde vou?
Sem rasão, sem sentido, em ancia tal!
Se a qualquer parte em fim aonde fôr
Hade o tyranno Amor
Levar com sigo a causa do meu mal.

A' IMMACULADA CONCEIÇÃO

DE

MARIA SANTISSIMA

SENHORA NOSSA

O D E.

AH! Longe, longe deste fertil monte
A's Musas consagrado, indocil vulgo,
Vulgo profano,
A cujo rude espirito não move
O sagrado furor, que nos transporta,
E vós, almas sublimes,
A que inspira o sincero amor das Musas,
Attenção, que hoje intento em novo estilo
Tocar a agreste frauta;
Sinto, sinto elevar-se pouco a pouco
O meu humilde engenho. Em outra especie
Mudar-me vejo.
Ah! Já não sou aquelle rude Elpino
Pastor da bella Arcadia! Estes os campos
Não são do claro Alfeio.
Onde está Melibeu? Onde a cabana

Do guardador Albano? Onde Sireno?
Montano, e os mais Pastores?
Hum occulto poder da humilde terra,
Suavemente me eleva a minha frauta
Em som mais alto,
Qual armoniosa trompa rompo o vento,
Até o ar que respira he mais sereno
Do que entre as densas nuvens.
Em vôo, eu vôo, e em circulos velozes
Aguia do Sol ás luzes me remonto,
. . . . . .
Mas que vejo, oh Ceos! Que horrida serpente
Naquelle inferior globo se sustenta;
Ai que de mórtes
Entre os seus habitantes semeando,
Está o horrivel monstro; huns entre as garras
Furioso despedaça,
Outros devóra, e ainda palpitando
No immundo ventre encerra, outros estala
No vinculo que tece
Com a voluvel cauda, e aos mais distantes
Com o ar, que infeciona respirando
Miseramente mata.
Em todo, em todo o globo se derrama
O seu mortal veneno; em toda a parte
Arde o contágio,
Que lastima! Não ha quem lhe resista,
Tristes mortaes não ha quem vos soccorra,
Quem de vós se enterneça?

Ias que brilhante luz, qual a da Aurora
ia fresca madrugada lá do Oriente
Pouco a pouco apparece.
Oh Ceos! ó nunca vista maravilha!
'uma pura mulher toda vestida
Do Sol brilhante,
e lucidas estrellas coroada,
isando a branca lua, he quem espalha
A luz pura, e formosa;
á com seus raios o ar se purifica,
É como com o sol a densa nevoa,
Se desfaz o contagio.
Oh! Que formosos passos, que vem dando!
Toda de graça cheia! A' sua vista
O Dragão féro
)a escamosa cabeça as grossas conchas
Horrendamente errissa, os olhos tinge
De negro immundo sangue,
)as entranhas respira hum vivo fogo,
Que abrasando o contorno o deixa cheio
De alitos venenosos.
Ah! Que contra a bellissima donzella,
Temo de horror! furioso se arremessa
Para tragá-la:
Já sobre o meio corpo se levanta,
C'o a cauda o ar açoita, e assobiando
Vibra a farpada lingua:
Já, já para enredá-la em largos giros

Humas vezes estende, outras enrosca
O corpulento vulto.
Mas em vão, mas em vão serpe enganosa
Aspiras á victoria; em vão te canças,
Que a mulher forte,
Qual o guerreiro exercito ordenado
Terrivel te resiste. Ah já lhe cedes?
Já lhe deixas o campo?
Já foges? Já te segue, já te alcança,
E na torpe cabeça victoriosa
Te imprime a sacra planta.
Valorosa mulher, tu só pudeste (res...
Triunfar do horrendo monstro; os teus louvo-
Mas que sonoras
Vozes no ar se dilatão! Que vistoso
Admiravel objecto absorto vejo;
De espiritos celestes,
De esmeraldas coroados, e diamantes;
Hum brilhante esquadrão em torno á cerca
Batendo as azas de oiro.
Huns sobre ella derramão ás mãos cheias
Huma nuvem de flores: outros cantão
Acordemente
Ao grato som de varios instrumentos
O seu triunfo. Oh bemdita entre as mulheres
Exaltada na Terra,
Qual no Libano o cedro junto d'agoa,
Ou platano frondoso, ou qual nos campos

A formosa oliveira.
Entre as filhas de Adão, qual entre espinhos
O puro e branco lirio resplandeces
Toda sem mancha:
Tu dos Córos Angelicos és honra:
Tu do Empirio alegria, e da triunfante
Jerusalem és gloria:
Vem ó flor de Jessé nova Rainha,
Esposa do Senhor serás coroada
De palma, e de assucenas.
Mas que he isto! Eu estou na nova Arcadia!
Este he o Mundo! E estes os Pastores!
Quem de repente
Entre vós me poz? Como neste dia
Inda em silencio estais? Toca Mirtilo
Toca a sonora lira,
Tu Coridon tambem, que as tuas vozes
Farão parar de Alfeio as frescas agoas,
E a musica das aves.

Antonio Diniz da Cruz e Silva.

DITHIRAMBO

BAcho imberbe, Bacho ardente,
Porta-somno, prazer, e alegria,
De nocturnos festejos o guia,
Que refrescas, aqueces a gente
Fria e quente;
Desse cume peregrino,
Que ao teu nome he consagrado
Solta hum rio arrebatado,
Espumoso,
E cheiroso,
De purpureo, ou branco vinho,
Onde beba os teus furores,
E qual o trovão,
Que os montes abala,
Quando a nuvem prenhe
Rasgando-se estala,
Cante a Arcadia, e seus pastores
Deste dia altos louvores.
De Agamppe assaz na fonte
Já molhada tenho a boca;
Agoa pura
Não provoca
A cantar,

A bailar,
E a saltar
Como a lucida tintura
Dessa planta, que enroscada
Trazes na mitrada
Cornigera fronte.
Eia, eia, que o monte
De vento se enche, se innunda, e se alaga.
Licor almo, e generoso,
Rubim puro, ambar desfeito,
Com que gloria, com que gozo
Em ti banho a boca, e peito.
Athes, Hyes,
Hyes, Athes,
Viva, viva o dia
De tanta alegria.
Oh! Se eu pudéra,
Em boca, e lingua
Todo tornar-me,
Se por fartar-me
Deste elixir
Então Dioneo
Na tenaz terra,
Ou no Idomeu
Cedro oloroso
Teu gordo vulto
Lavrára, erguéra,
E por mais realçar os teus adornos
Na soberba ara

Os brancos córnos
Em puro ofir
Eu te curvára.
Doce elixir,
Que as almas purgas
De espectros tristes,
Que triste gera
A pállida, e voraz Melancolia,
Vem neste dia
Dobrar da Arcadia
A pura alegria.
O' suave dia, dia venturoso,
Em que o teu mimoso
Coridon nasceo.
O' grão Bassareu,
Athes, Hyes,
Hyes, Athes,
Viva, viva o dia
De tanta alegria,
Dia, que os saltantes,
E capri-barbudos,
Cornipedes, Satyros,
C'o as ebri-festantes
Lascivas Bassáridas
De prazer saltando,
Pelas montanhas alegres cantárão,
E de quando em quando
Gritando,
Bramando,

Assim repetião :
Saboé Arcadia ,
Arcadia Evohé ,
Já o teu Coridon nascido hé ,
E que bella se derrama
De alegria ardente chama
Do Erimantho nas florestas ,
Pelas bocas das cavernas ,
Em echos festivos sonoros respondem
Os montes soberbos de Arcadia famosa
Aos golpes , que os ferem ,
De lyras suaves ,
De tympanos graves ,
De sistros agudos ,
De Crótolos duros ;
Ah ! Sim cáros Pastores ,
Brilhe , brilhe a alegria
Coroemo-nos de flores
Cantemos suavemente o grande dia ,
Que a Arcadia nos traz tanta alegria ,
Dia que trouxe
Rosado ao mundo
O bom Coridon ,
Coridon , que jocundo
As antigas ,
Esquecidas
Mascaras carcomidas ,
Animoso tomando ,
E entre o hirsuto capri-saltante Côro

O Genio do Muzeu.

SONHO.

CAnçado de lutar o pensamento
Com mil varios objectos, que humas vezes
Medonhos no semblante me aterravão,
Outras todos alegres, e vestidos
Das bellas côres, que pomposos trajão,
Lisongeiras vaidosas esperanças
Mil fabulosos bens me promettião.
A hum suavissimo sono pouco e pouco
Os sentidos entrego, e breve espaço
Os lassos membros repousado tinhão,
Quando movendo a leve fantasia
Mil confusas imagens, me apresenta
Hum galhardo mancebo, que librado
Sobre pintadas plumas rompe o vento,
Na cabeça trajava por turbante
De ricas pedras marchetado buzio,
No qual apavonada borboleta
A miudo batendo as subtis azas,
Em vez de airão servia de remate:
Huma gorgeira de esmaltadas pennas
O collo lhe cercava, e nella em partes

De prata, de oiro, e cobre cem medalhas
De famosos Heroes pendentes tinha,
N'huma das mãos trazia hum grande molho
De varias hervas, de diversas flores,
N'outra hum fruteiro de metaes diversos
Todo lavrado; pois ao mesmo tempo
Entre o cobre, o latão, o chumbo, o estanho
Brilhar se vião nelle a prata, e o oiro,
Em seu seio mostrava em longa cópia
Peixes, plantas, coráes, plantas, e ossos
Em duras pedras todos convertidos;
Antigos Camafeos de oiro cercados
Os dedos lhe cobrião, e a cintura
De grossa pelle de manchada cobra
Lhe apertava em mil voltas larga facha;
Em vez de aureo cothurno, finas pelles
De estranhos animaes calçava airoso,
Que variadas flores guarnecião
De ricas perlas, preciosos fios.
Admirado da grande formosura,
Que no rosto lhe brilha mais que tudo,
Do fausto estranho, que em seu traje via,
Atonito fiquei por largo espaço,
Quando soltando a voz, assim me falla
O mancebo gentil. „ Se pelo rosto,
„ Pelo gesto, figura, pompa, e traje
„ O' rustico mortal me não conheces,
„ Ouve, sabe quem sou; eu sou o Genio,
„ Que sobre o teu Muzeo attento véla,

„ Que invisivel o cerca, que o protege,
„ Que cuida em augmentá-lo, e enriquecê-lo,
„ Para este fim rompendo a opaca nuvem,
„ Que a teus olhos me esconde, a advertir-te
„ de taes descuidos, vigilante venho.
„ Como esperas Elpino, que elle cresça
„ Das ricas producções da Natureza,
„ Ou nas que déstra mão de antigo mestre
„ Subtilmente lavrou, que esconde o tempo
„ Da muda terra no profundo seio,
„ E que a mão favoravel do destino
„ Mil vezes aos mortaes descobre, e mostra,
„ Se ingrato aos beneficios as esqueces?
„ Ricas medalhas, exquisitas conchas
„ Mão liberal te envia, e tu não curas,
„ Nem ao menos se quer de agradecê-las? „
Aqui chegava, quando hum grão ruido
De meus olhos espanta o leve somno,
Mas que impressa me fica na lembrança
Do gracioso sonho toda a historia,
Doutissimo Sachete! Tu, que o tempo
Em continuas vigilias sobre os livros
Utilmente gastando, tanta fama
Ao teu nome tens dado ao alto estudo,
Que eternisa de Cós a antiga gloria,
Que aos mimosos mortaes, da fraca vida,
Ou estendes o fio afugentando
De seus membros a pállida doença,
Ou de seus males a tyranna força

Suavemente modéras, tu bem sabes
Que dos sonhos o alvergue caprichoso
Duas tem entre si diversas portas,
Diversas na materia, e serventia,
Que de branco marfim huma he talhada,
Outra da curva ponta, que guarnece
Aó roubador da Europa a fronte altiva,
Que pela cornea sahem os verdadeiros,
Se pela eburnea vem os fabulosos;
Este que acabo agora de pintar-te,
Pela cornea os Ceos creio me mandárão
Para pagar-te, para agradecer-te,
Inda que tarde os dons com que me honraste,
Mas com que póde hum mísero Poeta
Beneficios pagar senão com versos;
Versos pois te remetto, e tu, que as plantas
Longe da estrada do ignorante vulgo
Estampas felizmente; recebê-los
Com rosto alegre deves, pois conheces
Dos versos todo o preço, e que só elles
Das voragens do Lethes salvar podem
Nos seculos futuros nossos nomes.

O mesmo.

ODE

A FILINTO.

Filinto, ah meu *Filinto*, jaz enfermo
O teu querido Alfeno, atassalhado
De dois crueis galfarros famulentos,
Que querem devorá-lo,
Hum delles frio mais, que o gêlo alpino,
Aos lassos bófes tão tenaz se afferra,
Que em vão, pelo expellir, lidão, e suão
Em convulsos arrancos:
Em quanto o outro, como fragoa ardente,
Com rapidez girando pelas veias,
Me faz passar os dias dormitando,
Em continuas modorras.
Mas de noite, roubando somno aos olhos,
Na phantasia ao vivo me debuxa
Centauros, Geryões, Hydras, Quiméras,
E monstros mil informes,
No meio destes males lastimosos,
Em trajos de viuva encapellada,
Tirando a rojo os lugubres vestidos,
Entra a Melancolia.
[illegible] vagarosos passos se encaminha

Para o leito, a miudo bocejando;
E, cravados em mim os tôrvos olhos,
Se assenta á cabeceira.
Alli tres vezes, com as mãos de chumbo,
Me aperta o coração, depois tres vezes
O macilento rosto me bafeja
C'o a verde-negra bocca
A' medida que em mim lavra o veneno,
Em frias bagas de suor me banho;
Espessas trévas subito me embruscão
A fraca, errante vista.
Fóge-me a Alegria, as doces Musas
Me fogem de tropel, espavoridas
Da horrenda catadura desta bruxa,
Que entre dentes praguejão.
Corre, corre, Filinto, ao teu Alfeno:
Vem livrá-lo do monstro sanguinoso,
Que as entranhas lhe chupa sitibundo,
Qual tenaz sanguisuga.
Não de rigidas malhas revestido,
Ou de cotta de laminas seguras,
Com luzente murrião, escudo, grévas,
Brandindo a grossa lança.
Não se espanta de vêr tanta ferragem,
Quem he do alvergue do furor Porteira,
Quem entra a tenda do Tyranno intruso,
Por entre armadas filas.
Mas armado de saes, facécias, chistes,
Na cabeça por elmo hum Alfarache,

Hum Gil Blaz por pavez, ou grão Tacanho
Por lança hum Dom Quixote.
Nem te esqueça trazer (por mor cautéla)
De Ferrabras o balsamo bemdito
Aquelle, que na *Venda* ao pobre Sancho,
Fez vomitar as tripas.
Apenas te avistar, vêla-has bramindo,
Discorrer rabeando pela sala;
Té, que estourando com fragor horrendo,
Se solte em negro fumo.
Quando estes rudes versos te escrevia
Longe de mim vagava a voraz furia...
Ei-la que chega, oh Ceos! Sumamos tudo,
Antes que deite o luzio.

ALFENO CYNTHIO.

QUADRA.

Abre este peito constante
Verás o nosso retrato,
He todo meu por amante,
He todo teu por ingrato.

GLOSA.

I.

INda que és por genio impia.
Filis suspende o rigor,
Pois ás vezes faz amor
Abrandar a tyrannia;
Lembra-me que eu algum dia
Te achei menos inconstante,
E se duvidas que amante
Sou com firme gratidão,
Para ver meu coração
Abre este peito constante.

II.

Abre o peito, e sem demora
Acharás, bella homicida,
Huma cópia tua unida
Ao coração que te adora;
Abre o peito, e tira fóra
Esse objecto amante, e grato,
E se do rigor no trato
Vires hum cheio de abrolhos,
He meu, não teu, põe-lhe os olhos
Verás o nosso retrato.

III.

Não duvides que eu absorto,
Fino leal, e excessivo
Pintei teu retrato ao vivo
Junto ao meu de amores morto;
Este, que vês sem confôrto,
Com magoado semblante
Todo temo, e vacilante,
A mim todo equivocado,
Foi parte teu por amado,
He todo meu por amante.

IV.

Vê qual delles te enamora
Dos dois retratos, ingrata,
Se o vivo pelo que mata,
Se o morto pelo que adora;
Bem sei que hum delles, traidora,
Te será muito mais grato;
Vê bem que o morto retrato,
He todo meu por fiel,
E que esse vivo, e cruel
He todo teu por ingrato.

QUADRA.

Queira o Ceo tyranna, e ingrata,
Já que me pagas tão mal,
Que o primeiro a quem adores
Nunca te seja leal.

GLOSA.

I.

AH! tyranna, e fementida,
O Ceo me vingue de ti,
Já que rendido te vi
Tão bella, como fingida;
Teu genio me tira a vida,
Quando com desdens me mata,
Se acaso te mostras grata,
Logo no engano discorro,
Que saibas do mal que eu morro,
Queira o Ceo tyranna, e ingrata.

II.

O Ceo te castigue, e Amor,
Já que perjura, e sem lei
Sempre féra te encontrei;
Penitente no rigor
Eu procuro o teu favor
Com affecto sem igual
Tu mo negas desleal,
Por mais que o merito cresça;
Por fim Amor te aborreça,
Já que me pagas tão mal.

III.

Busque Amor hum novo invento,
Para seres despresada
Daquelle, que mais te agrada;
Porque saibas meu tormento,
Geral aborrecimento
Exp'rimentes onde fores,
E por mais que afflicta chores
Teu desprezo, em lances tais,
Nenhum te aborteça mais,
Que o primeiro a quem adores.

IV.

Quando te vires ferida
Sentindo de Amor a chaga,
Consigas, cruel, por paga
De amar, ser aborrecida;
Quando fôres possuida
De hum afecto puro e tal,
Que não possa ter igual;
Quem deste fôr o motivo,
Além de te ser esquivo,
Nunca te seja leal.